A primeira pessoa

Ronaldo Pelli

A primeira pessoa

MULTIFOCO
editora

Editora Multifoco

SIMMER E AMORIM Ltda.
Avenida Edson Passos 934, Alto da Boa Vista
CEP 20531-070 Rio de Janeiro - RJ
Tel: 3234-0888

Edição e revisão
Thiago França

Capa
Raphael Santos

Diagramação
Leonardo Simmer Amorim

A primeira pessoa - 1ª Edição
Pelli, Ronaldo, Rio de Janeiro, 2006

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor e da Editora Multifoco.

Este Livro foi composto em Garamond pela editora Multifoco e impresso pela Gráfica Fábica de Livros em papel offset 75g/m2 no mês de julho de 2006.

À minha mãe

Sumário

Carta à comissão julgadora da revista `Proa´ — 08
Édipo — 14
Coceira — 17
Troca de palavras — 25
Notívagos — 29
Ondas — 36
Querer no pretérito imperfeito — 45
Dejà vu — 49
Gaivota — 53
João — 60
O eterno, retorno — 64
Instantes — 70
Gregório Samuel — 71
O outro Herbert Quain — 78
A sístole e a diástole — 84
Aniversários — 91
Soma — 100
Posfácio — 107

Carta à comissão julgadora da revista 'Proa'

Rio, Setembro de 2004

Senhores,

Não quero, com esta carta, me igualar àquele de quem afirmaram peremptoriamente ser eu um copiador. Pelo contrário, não me iludiria a este ponto. Tenho como fim, agora que já o li e reli, demonstrar, até mesmo através dos próprios argumentos do famoso escritor, a impossibilidade prática do plágio. Não anseio, também, que revejam sua decisão no que concerne ao meu pequeno conto. Sei da minha completa falta de qualidade e do meu posto inferior perante a média dos que tentam conviver desta forma. O máximo que me condiz é ser um aspirante – o que já considero bastante aprazível. Entretanto, desejo acender uma fagulha para a mudança na forma de julgamento, mesmo que esta vontade seja em vão. Intuo cambiar o aspecto fundamental da avaliação de originalidade quanto aos temas abordados (já que isto, em princípio, é utópico), para inovação quanto às formas. Por outro lado, não defendo o rebuscamento extremo, nem apóio textos incompreensíveis pelo excesso de experimentalismo. Trafegando no raso e diretamente: almejo que os contos não sejam avaliados e rechaçados perante uma coincidência do tema principal. Em outras palavras, que caso igual ao meu não ocorra novamente.

Tentarei criar uma cronologia para que logo de início toda a argumentação seja fundamentada e explícita. Em fevereiro deste ano, descubro da possibilidade de publicação de contos inéditos – sublinho a última palavra – na conceituada revista "Proa". Teria uma quinzena para desenvolver uma pequena trama que pudesse concorrer com os outros prováveis candidatos e mais um par de dias para enviá-lo tradicionalmente.

Durante algum tempo, que não saberei precisar, uma névoa branca encobriu todo o meu raciocínio fazendo com que não vislumbrasse nenhum argumento, quiçá interessante. A angústia e a cotidiana ansiedade me impediam de aquietar-me e escutar o que a "musa" tinha a me dizer. Foi nesse período que um espanto substituiu qualquer outro sentimento: soube da morte estúpida (se é que todas as mortes não o são) de um grande amigo meu, Ivan Nogueira.

Havíamos estudado juntos na faculdade. Ele vivia extremamente, abusava de todos os seus gostos, independente das conseqüências. Ignorava e abdicava dos planos, de algo que pudesse ser chamado futuro. Era extremamente imediatista e colhia amizades e inimizades por isso. Mesmo assim, sempre fora o melhor da classe sem que, para isso, tivesse que se dispor mais que qualquer outro. Sua grande vantagem sobre os demais era simples: viciara-se em leitura, sem preconceito de origem ou de tradição. Horas de sua vida eram passadas diante das letras, sem nenhuma ordem, apenas como uma rotina eterna.

Depois de colarmos grau, nos distanciamos. Ele se mudara para uma cidade distante, transferido pela empresa da qual já era contratado. Eu fiquei e mantive meu cotidiano inalterado. Suas informações foram diluindo, escasseando... fiquei anos sem ouvir falar nele. Até o funesto dia.

Quero deixar claro que todas as minhas informações foram trazidas de conhecidos que ainda mantiveram algum contato com ele. Por isso, não exatamente fiéis aos fatos, sobretudo considerando a atmosfera em que me foram confidenciadas. Entretanto todas estas versões são válidas para demonstrar a origem de minha história. Espero não estar usando a memória de meu amigo em vão.

Tentarei ser raso nas descrições para não enfadá-los. Em certo momento da vida, Ivan decidira que seria mais humano, menos idealista, menos romântico, mais real, mais carne e osso, menos pensamento. Ele um impulsivo crônico, renegou a si mesmo e se transformou num sujeito medíocre. Descobrira que ele era pai de uma garotinha de dez anos, casado há mais de quinze e mudara por completo suas diretrizes básicas. Aquelas frases me chocaram inenarravelmente. Um homem pode constituir família, é a mais óbvia de todas as histórias, pode "amadurecer" e deve se tornar um cínico perante todo o mundo. Mas isto tudo, vindo de um homem que era a representação em movimento do Chinaski, me assustou e muito.

Voltei para casa e sonhei acordado com um personagem regular, que vai da casa para o trabalho e vice-versa. O único momento que foge de sua realidade acontece na hora da morte: ele relembra ou recria o próprio passado de forma a ter uma morte inesperada, longe dos quartos de hospital. Exatamente o meu texto. Parecidíssimo com o conto "O sul", de Borges.

Contudo, reitero minhas intenções de esclarecer dois pontos embaçados até o momento: não conhecia a obra do argentino até a carta em resposta; tento com o meu texto criticar uma morte violenta, já que nosso tempo e realidade não mais permitem qualquer exaltação da "malandragem", do "marginal", ou qualquer outra denominação conotativa para o caos urbano do nosso dia-a-dia. O escritor argentino, por sua vez, defende uma exaltação do perigo, da coragem, até da violência em última instância.

Admito, no entanto, as extremas coincidências que permeiam ambas as versões. Reafirmo que minhas intenções eram opostas às do famoso contista. Copio-os trechos, em ordem cronológica, que assustam pelas coincidências:

"Dahlmann não estranhou que o outro, agora, o conhecesse, porém sentiu que essas palavras conciliadoras agravavam, de fato, a situação." (pág. 589 de suas Obras Completas).

"(...) ele não estranhou que o outro, agora, o conhecesse, porém

sentiu que essas palavras conciliadoras poderiam agravar a situação." ("A morte sonhada").

Se no primeiro caso, o argentino explica que o simples fato de terem identificado o protagonista de seu conto o empurrava para a reação – já que a ameaça dos gaúchos não era mais contra um ser sem rosto, mas contra um homem honrado, e sendo honrado, deveria defender seu nome, mesmo se culminasse na morte pelas facas – no meu texto, assim como não há mais valentões inocentes, ou malandros para se romantizar, defendo que não há mais honra suficiente que vale morrer através de uma briga. As "palavras conciliadoras" poderiam agravar a situação, mas não agem desta forma. Há a coincidência das frases, mas seus sentidos, nos respectivos contextos, são opostos.

Também diferem quanto à idéia central. O protagonista do argentino procura uma morte honrada, enquanto o meu é vítima de um ato fatídico, mesmo que sonhado – a principal coincidência. Tento representar a neurose coletiva, o medo ante a violência sem forma; ele, uma exaltação pela honra, pela brutalidade como algo másculo. Em "A morte sonhada", tento relembrar que a morte pode ser inesperada e devemos sempre estar dispostos a encará-la, não com unhas, mas tendo aproveitado o máximo possível a existência; Borges, numa espécie de melancolia do que nunca existiu, renega habilmente o passado que teve, inflando outro que não há, apenas por conforto.

Quanto ao meu argumento de que nunca havia lido Borges antes de todo este imbróglio, não tenho solidez para comprová-lo. Tento esclarecer que tais coincidências são tão ou mais prováveis quanto os escritos que são, sem intenção, idênticos. Contudo, admito que não haja como corroborar tal tese. Relembro, porém, uma idéia do próprio argentino, num prólogo desta mesma coletânea de contos, ao comentar um dos seus mais conhecidos, quando defende a falta de originalidade de sua, ou de qualquer obra: "Não sou o primeiro autor da 'Biblioteca de Babel'".

Conto com a boa vontade de todos os juízes, não para modificar o imutável passado, mas para corrigir o inevitável futuro.

Desde já grato,

r.

Édipo

Admito que estou apreensivo. É a primeira vez que ela vem à minha casa. Falamo-nos diariamente – quase, ao menos - mas não houve a oportunidade de ela vir aqui. O relógio, como é costume nessas situações, fica imóvel. Levanto-me e torno a sentar inúmeras vezes. Abro a geladeira e depois a fecho, sem pegar nada lá dentro. Caminho em direção à porta e depois faço o percurso inverso. Volto, destranco e tranco a porta. Não estou confortável. Olho para o meu pequeno apartamento procurando algo que possa estar fora da ordem, um motivo para que ela reclame, aponte como desvio da norma. Sei que ele está um pouco sujo, mas agora não há nada que eu possa fazer. Pelo menos organizado está. E, principalmente, guardei todos os indícios de solidão e tristeza pelos quais eu passei nos últimos meses.

Saí de sua casa quando eu percebi que a minha vida era mais da porta para fora que dentro das quatro paredes. Havíamos vivido 20 anos juntos. Nos últimos tempos nos suportávamos. Saí e resolvemos manter a civilidade. Eu usava um argumento para me convencer: todo o tempo não poderia ter sido em vão. Ligava para ela como que obrigado. Não era agradável. A conversa beirava a burocracia.

Senti que ela perdeu o interesse, de uma maneira geral, de uns

tempos para cá. Ela, que sempre fora bastante alegre, organizava festas para os familiares, mesas enormes com pessoas completamente desconhecidas para mim. Não pertencia àquele mundo, àquela realidade. Já ela, ela era a favor da união sangüínea, diferenças seriam diminuídas, amigos formados pelo sobrenome em comum. Nós não brigávamos nunca, mas esse teria sido um bom motivo para discussões. E, agora, ela perdeu por completo a empolgação. As suas falas são decoradas, quase ladainhas. Reclama de tudo, diz que está sozinha, que se sente perdida, que não há mais ninguém. Eu não soube lidar com isso e apenas a escutava, sem pronunciar nenhuma palavra. Não queria me envolver, não achava que era da minha conta, que eu deveria fazer alguma coisa. Mantive-me à distância dos fatos e fui um observador frio da sua queda.

Não creio que a sua doença tenha começado por minha causa. Pelo menos não quero ter essa culpa, já que não vejo utilidade nesse sentimento. Mas é coincidência demais ela ter piorado assim que eu saí de casa. Ela começou a murchar, acinzentar-se, desistir da vida. A doença veio logo em seguida. Não havia mais por que de ela lutar contra. Entregou-se à fatalidade e esperou o inevitável.

Naquele dia viria à minha casa porque eu morava mais perto do hospital que ela. Queria demonstrar que poderia viver sozinho, sem ela. Parecer independente, este era o meu intuito. Mal eu sabia que quanto mais lutava para me desvencilhar dela, me

perdia de mim mesmo e de todos à minha volta. Com a independência tão almejada, veio a solidão profunda. Eu passava dias inteiros, finais de semana sem abrir a boca para conversar com qualquer pessoa. Saía de casa poucas vezes, para nunca me divertir. Todas as festas não tinham mais nenhuma graça porque não me atingiam. Eram distantes da minha realidade de solitário. Cheguei a pensar que para sempre viveria assim. Todos os meus planos estavam naufragando. Continuava porque não tinha opção ou era covarde, ou para provar que conseguiria sobreviver.

Vivíamos o mesmo sentimento, apenas distanciados um do outro. Não havia forma de consertarmos, deveria ser assim. Eu não queria diferente, ela não enxergava outra forma ou tinha medo de tentar.

E então, a campainha soou...

Coceira

A primeira vez que sentiu a coceira foi no final do expediente de trabalho. Numa quinta-feira, final de mês, fechamento das contas e as contas não fechavam. Sete horas da noite, todo o escritório escuro, só ele e mais dois do grupo, seu chefe e sua assistente, o dia inteiro procurando o erro. Os olhos vermelhos pelas horas em frente à tela do computador, o rosto banhado num suor que não escorre mas deixa a pele oleosa, o cabelo despenteado e alguma coisa continuava errada. Oito horas. A boca do estômago congelada, o coração batendo freneticamente e faltava quase um milhão que ninguém sabia onde tinha ido parar. Nove horas. O chefe atrás dele e a assistente no computador ao lado procuravam essa pequenina diferença em todas as entradas e saídas da empresa.

Antônio sentiu uma pequena comichão na perna, na parte anterior da canela, logo acima do calcanhar e abaixo da panturrilha. Abaixou-se, levantou a calça um pouco e começou a coçar por cima da meia. A titilação, ao invés de diminuir, aumentou de intensidade. Logo abaixou a meia e coçou rispidamente a perna só parando quando sentiu uma espécie de dor, como se tivesse rasgado um pedaço da própria pele. Olhou para os dedos para certificar se se machucara, percebeu que estavam limpos e voltou para o computador. O chefe perguntou o que tinha acontecido, e ele respondeu que era um mosquito. Depois de escutar a resposta, se levantou para buscar café, pois dizia que a

noite seria longa, e Antônio aproveitou para coçar a perna novamente, dessa vez um pouco mais devagar, e sentiu um prazer quase de orgasmo no ato de coçar. Com os olhos fechados, passava o tato dos dedos vagarosamente pela perna. A cada passada de mão sentia ondas do mesmo prazer se prolongando por todo o corpo. Aquilo o relaxava de maneira sem igual, nunca tinha percebido algo tão poderoso com esse fim. A respiração rapidamente voltou ao normal, o corpo parou de suar. Olhou de volta para o computador e pôde ver algumas movimentações financeiras que antes tinham passado despercebidas debaixo do seu nervosismo. Consertaram todos os trâmites e conseguiram ir embora antes das dez da noite.

Foi direto para casa descansar. Abriu a porta e encarou a escuridão cotidiana do seu apartamento. Entrou se arrastando de cansaço e, para piorar, se preocupava com o relatório mensal do dia seguinte. Sabia que o fechamento das contas era o primeiro dos problemas de fim de mês que ele enfrentava sempre. No quarto tirou o sapato do pé direito e o colocou no chão, depois jogou a meia preta por cima, tirou o do pé esquerdo, a meia esquerda e encostou o indicador no pedaço da perna onde coçara. Sua cabeça estava presa no relatório mensal, mas na hora, uma vontade incontrolável de coçar aquela parte da perna tomou conta dele. Completamente irracional, Antônio começou a passar as unhas como se fossem garras no pequeno montinho de carne inchada e sentia novamente o prazer, o mesmo impronunciável que tinha sentido no trabalho. Sua

respiração mais uma vez se acalmou e ele parou de pensar no relatório mensal, deitou na cama e continuou a coçar, mais devagar, agora só com as pontas dos dedos. Só o prazer da coceira povoava sua cabeça, como se fosse um líquido que inundasse todo o seu cérebro e o protegesse de qualquer outro pensamento, só aquele sentir bem, só aquela vontade de descansar, de dormir um pouco.

Nos dias que seguiram, teve que fazer o relatório mensal, a apresentação para a diretoria e aprontar a previsão para os próximos semestres. Antônio ficou algumas vezes até tarde da noite na empresa. Sempre que se sentia muito preocupado, nervoso ou estressado com algo, descia a mão e coçava um pouco a perna. A onda de prazer sempre o invadia e ele esquecia o que estava fazendo. Antônio se sentia em outro ambiente, longe dali, a cabeça já não era racional, pelo menos por alguns segundos, durante a coceira. Só quando estava nervoso acima do normal que exagerava na força. E, todos os dias, ao trocar de roupa, quando chegava em casa, após o trabalho, coçava novamente a perna e deixava o torpor tomar conta do corpo. A cada passada de mão sentia as ondas evoluírem e ele se acalmar.

A coceira noturna, ao trocar de roupa em casa, já tinha se transformado em um hábito e as no trabalho se encaminhavam para o vício, como uma agradável rotina. Agora, ele se coçava todos os dias antes de começar o expediente, mesmo sem sentir nada. Dizia para si mesmo que era para se preparar para a pedreira

diária, para iniciar a jornada de bom humor.

Numa dessas manhãs, já no escritório, sentiu algo molhado em seus dedos. Pela primeira vez, desde que toda essa história começara, teve curiosidade em olhar para aquela parte da perna que ele arranhava diariamente. Aproximou-se para olhar bem de perto e viu um montinho de carne, do tamanho exato que imaginara, porém com uma cor roxa parecida com a de carnes estragadas, sem nenhum pêlo em volta. Ele achou estranho, pois a outra perna era extremamente cabeluda, mas não se prendeu muito a isso. A água que molhou seu dedo era esbranquiçada como pus, porém mais transparente. Não havia sinal de sangue ou qualquer coisa parecida. De tudo isso, o que mais o chocou, porém, foi um ponto bem pequeno, extremamente preto na parte mais alta do montinho. Parecia que a pele estava morta. Antônio ficou assustado com a idéia de ter um pedaço dele morto enquanto continuava respirando, andando e indo trabalhar. E se imaginou como o assassino dele mesmo. Olhava para o computador ainda desligado, sua imagem refletia na tela escura, mas não tinha percebido nisso, até esse exato momento. Sentiu raiva de si mesmo, se viu com uma arma apontando para a própria cabeça ou para essa mesma área da perna. Sonhou com os olhos ali encarando os próprios olhos na tela do computador desligado com ele cortando um dedo para poder se alimentar. Destrinchava o indicador da mão esquerda e mordia a ponta, na altura da unha, e puxava uma falange inteira. Dava para ver o osso ainda com sangue em volta, mas a

carne apodrecia rapidamente ficando da mesma cor roxa e com o mesmo ponto preto da perna. Levantou-se correndo e foi ao banheiro lavar o rosto.

Antônio prometera para si mesmo, no banheiro, que não iria mais se coçar. Não queria mais um pedaço de carne podre no meio da perna, não queria mais se sentir como o responsável pelo assassinato de si mesmo.

O dia passou e Antônio ficou irritadiço com seus colegas, de uma maneira que nunca tinha sido. Foi ríspido, gritou com a assistente e pediu dados impossíveis para outros subalternos. Foi para casa nervoso sem nenhum grande relatório, apresentação ou motivo aparente. Ao tirar as meias e a calça, a coceira irracional o tomou de súbito. Começou a se debater na cama, abraçando os joelhos, mas algo arranhava exatamente aquela região. Parecia que uma pena passava bem de leve sobre a pele sensível da perna. Na tentativa de minorar, resolveu colocar a mão por cima, tapando o machucado, mas o simples toque da sua mão fez proporcionar uma pequena onda de prazer. Bem mais fraca que a que sentia quando se coçava, é verdade, mas Antônio ficou insano. Não conseguia raciocinar, queria apenas que a coceira acabasse, e começou a passar os dedos em volta da ferida, no intuito de diminuir a vontade. Era ineficaz, a coceira só aumentava. Antônio, cada vez mais sem ser dono de suas atitudes, tomado por uma espécie de síndrome de abstinência, coçou com as unhas novamente em volta e, por fim, em cima

da ferida. O prazer o abraçou como uma onda de calor e ele se deitou calmamente. Ficou assim até adormecer.

À medida que os dias passaram, Antônio tentou diminuir a quantidade de vezes que se coçava, mas sempre que isso ocorria, ele ficava mais tenso. Seus colegas não entenderam muito bem esse comportamento e Antônio não se deu o trabalho de explicar para eles. Com uma força de vontade sobre-humana, ficou dois dias inteiros sem se coçar. Para Antônio, foram os dias mais longos da sua vida. As horas derretiam-se nos relógios e ele olhava para todos ao mesmo tempo para saber se algum deles tinha se atrasado no instante anterior. Ficou num tal extremo de concentração nesses dias que não puxou conversa com ninguém. Ignorou muitas pessoas que dirigiam a palavra a ele, não prestava a atenção em mais nada além do prurido na perna. Na primeira noite, teve insônia e só conseguiu dormir às quatro horas da manhã. Mesmo assim, um sono leve que era acordado a todo o momento pelo barulho dos carros que passavam na rua, bem longe dali. Na segunda noite, como na anterior, tirou as roupas rapidamente para não ser pego por uma fraqueza momentânea e deitou-se direto para tentar dormir um pouco que fosse. Sentia-se mais do que cansado, sentia que todas as suas forças tinham sido gastas nas últimas 48 horas sem descanso. Deitou-se bruços e sua mente não conseguia dar grandes vôos porque sempre estancavam na perna e na coceira. Colocou o outro travesseiro na cabeça, na tentativa de abafar o pensamento, mas ele se mostrava mais forte que qualquer ou-

tra idéia. Agora sentia como se uma pequena formiga andasse em volta da área machucada. Ela caminhava em círculos e, no centro exato, se mexia sem parar. Na cama, sentiu ainda algo pior. A formiga imaginária subia suas pernas e por onde quer que passasse a comichão se alastrava. Pela panturrilha, pelo joelho, pela coxa, por debaixo das nádegas, entre as nádegas, na região pélvica, na virilha e Antônio não resistiu. Coçou com ambas as mãos, com todos os dedos, com as garras afiadas com uma violência nunca antes utilizada. Queria rasgar, estava determinado, queria procurar por todo o corpo a formiga imaginária, queria destruí-la. Entretanto, por mais que ele a procurasse, não conseguiu achar nada. Ao final de alguns minutos, exausto, adormeceu mais uma vez sem perceber.

Antônio acordou com ambos os pés no travesseiro, onde devia estar sua cabeça. A cama estava desarrumada de tal maneira, que parecia que uma batalha campal ou uma noite de sexo selvagem ocorrera ali. Ele observou todo o corpo para perceber em que estado se encontrava. Um pedaço da noite anterior tinha sido apagado da sua memória. Olhou para a ferida na perna e ela estava igual a sempre, sem nenhum traço de diferença. Porém, teve que aproximar mais a cabeça porque não pode acreditar no que enxergou. Em toda a perna, também na virilha – levantou-se foi para frente de um espelho grande do armário e se olhou – ainda nas nádegas, tinham os mesmos pequenos pontos negros. Foi olhar para elas e sentir a coceira começar a se apoderar de todo o corpo. A razão fugiu e ele se coçava como

um animal com sarna, completamente enlouquecido. Não fazia distinção da parte ferida, passando as unhas violentamente por toda a extensão das pernas. Não satisfeito, puxou-as para próximo da boca e mordeu a região mais afetada, arrancando um pedaço da pele e cuspindo do lado. Sentiu uma dor e a ignorou completamente, continuando a morder e arranhar-se com as garras. O sangue brotava por toda a perna, manchando o lençol branco, e as mãos começaram a coçar o rosto, o interior da boca, ele se coçava e depois sentia o sangue escorrer pela pele esburacada. Parou somente quando desfaleceu completamente em cima da cama. Ao seu lado, no chão, pedaços de sua carne misturados com sangue e vários pequenos insetos ainda se mexendo.

Troca de palavras

Em certa hora, ficamos somente eu e ela na mesa. Todo mundo teve que se levantar por um motivo aleatório. Eu e aqueles grandes olhos azuis ali do meu lado. A pele branquinha, o cabelo encaracolado negríssimo que brilhava, o cigarro, a fumaça, os dentes amarelados pela nicotina, a bolsa de médico onde carregava tudo, e na qual, sem querer, eu tinha já metido o olho. Tentava ser simpático, mas era completamente intimidado pela segurança dela. Foi então que me perguntou:

- Diz aí, o que você faz da vida?

O que eu faço da vida? Pensei em começar a contar a história da minha vida, a minha ascensão e a minha decadência, meus triunfos e minhas decepções, mas percebi logo em seguida que isso não seria nada divertido, principalmente para uma mesa de bar. Passou pela minha cabeça que a pergunta poderia ser apenas retórica, ela queria preencher o espaço que ficou quando todos se levantaram e fez uma pergunta qualquer, uma daquelas "será que vai dar praia amanhã?" Mas como ela não parecia ser o tipo que costumar ir muito à praia, fez de maneira diferente. Assim, responderia rapidamente um "Sim, acho que amanhã o sol vai esquentar", só para também preencher o espaço. Demonstraríamos como éramos civilizados e continuaríamos debatendo sobre amenidades por alguns instantes até que alguma alma caridosa viesse nos salvar. Porém fui impedido por

um sentimento especial que emana lá de dentro da minha alma: a necessidade extrema de ser diferente das outras pessoas. Não é algo pedante, pois não vislumbro demonstrar para ninguém. Mas uma insatisfação com a mediocridade. É o que me move e o que me faz um indeciso. Assim, tinha que responder algo, no mínimo, relevante. Mas, para ser algo de que ela se lembre, teria que usar muitas palavras, coisa que, acho, não tinha tempo, nem ela estaria interessada. Em certo momento me deu um estalo. Seria um pouco poético, responderia de maneira ampla, através de metáforas. O único problema - e veio colado na solução - era parecer aqueles bichos-grilo que tentam sempre entrar em comunhão com a natureza e com todos os seres que vivem a partir dela. A pergunta dela, que foi solta como uma pequena pluma, já estava quase chegando ao chão, eu deveria rapidamente dizer alguma coisa para ter mais tempo para pensar. E, por outro lado, com mais uma frase entre nós, poderia avaliar realmente o que ela queria como resposta. Foi então que soltei a brilhante:

- Como assim, especificamente?

Ela bebia seu chope e quase engasgou com a minha réplica. Concluí, a partir disso, que ela estava mais interessada em ocultar o espaço vazio mesmo. Fiquei imaginando o que ela tinha pensado, algo do tipo: "Peraí, eu fiz uma pergunta simples, o que mais ele queria?" Ao terminar de imaginar tal frase, vi que ela não necessariamente quereria apenas ser simpática. Havia

ainda a remota possibilidade de ela estar interessada em mim, o que até aquele momento tinha descartado, como sempre faço. Seria uma porta de entrada para um diálogo, ela começaria assim, ampla, e a partir dali, encontraríamos nossas semelhanças e conversaríamos sobre elas. Ela colocou o copo na mesa e arqueou as sobrancelhas.

- Ué, o que é que você faz, ora? Trabalha, estuda...

Indubitavelmente, ela estava interessada no que eu fazia. Mas, não, eu não trabalho, não estudo, não sou nada. Minha existência se resume em sobreviver, ver uns filmes, assistir ao tempo passar, ler alguns livros, me entediar, procurar algum veneno antimonotonia, me embebedar, escutar algumas músicas. Nada demais. Nada que seja louvável ou que alguma pessoa se orgulhe. Pensei em dizer isso e deixar que ela chafurdasse em cima de mim. Mas o tiquinho de orgulho próprio que ainda tenho me impediu e sugeriu que eu fugisse um pouco da realidade. Não era mentir, pois não diria nada que não fosse verdade, apenas a disfarçaria. Maquiagem, isso. Diria essas coisas só que de maneira indireta. Tomei mais um gole da minha cerveja para dar mais um tempo. Duvidei que eu fosse eficiente em montar algum tipo de personagem tão rapidamente, e, assim, me tornaria ridículo na velocidade inversa. A cerveja desceu pela minha garganta e eu ainda engoli um pouco mais de saliva para demonstrar que estava com a boca cheia. Coloquei no rosto o sorriso número cinco de simpatia e decidi enfrentar a questão

de frente. Seria tremendamente sincero, diria o que passasse pela minha cabeça na hora. Só assim, sendo o mais verdadeiro possível, tornando-me transparente, é que poderia me sentir satisfeito e, se ela não gostasse, estaria claro que não foi uma boa idéia me fazer este tipo de pergunta, da próxima vez ela deveria escolher melhor as palavras, e, é óbvio, nós não passaríamos dessa conversa.

Tomei ar, deixei meu pulmão expulsá-lo vagarosamente e abri a boca mais uma vez para falar:

- Eu não...

- Vamos embora, já achei Carol. Ela estava no banheiro.

Laura voltou e me interrompeu. Olhei para a menina e seus grandes olhos azuis repousavam tranqüilos nos de Laura. Sentia-se confortável, era perceptível, parecia que tinha conseguido passar pelo teste de ficar alguns minutos sozinha comigo. O que mais ela queria era levantar-se. Já tínhamos pago a conta, fiquei de pé na frente dela e assenti para Laura. Puxei sua cadeira, ela agradeceu e fomos embora. Sem voltar a falar sobre nenhum tipo de assunto.

Notívagos

Foi naquela noite, a última da boate Interpol. Iriam fechar para reformas por alguns meses, mas ela não voltaria a abrir. Isso, entretanto, não importa. A intenção dos donos do clube era acabar com todo o estoque de bebidas. Fizeram uma promoção: tudo era vendido por dois reais. Doses de uísque, tequilas, caipirinhas. Pessoas passaram mal pelos banheiros e até na pista de dança. Esse era o ambiente.

Por esses motivos, a Interpol estava absurdamente lotada. A fila de entrada dobrava o quarteirão e ficava na rua transversal. Muita gente chegou cedo, antes das onze horas, e teve que esperar nessa fila.

Mesmo assim, ou por causa disso, eu fui à despedida da Interpol. Um casal de amigos passava férias em minha casa e os levei juntos. Chegamos também cedo para engrossar a fila de espera, bebendo cerveja de um boteco de péssima categoria ao lado da boate. Senti desde o início que o clima não estava bom entre eles. Raramente participavam da conversa ao mesmo tempo. Não sabia o motivo para tal e, mesmo que tivesse intimidade suficiente para perguntar, e eu tinha, não houvera oportunidade até o momento para inquiri-los. Estava mais ocupado em fazer o tipo cicerone, ora com atenção mais focada nele, ora nela.

Próximo da meia-noite, outros amigos chegaram e entraram na fila conosco, o que diluiu o peso que pairava entre nós três. Gente que não via há décadas, outros companheiros de longas datas. Conversamos animadamente por horas, já que era praticamente impossível entrar na Interpol na hora que quiséssemos.

Só depois das duas da manhã, já bêbados, conseguimos entrar. Como disse antes, o lugar permanecia extremamente cheio. Em todos os lugares, corredores, pistas de dança, banheiros, bares, havia aglomerações de gente molhada. O ar condicionado não dava vazão para tantas pessoas e o suor corria nas costas, empapando as camisas. Começamos, então, a beber caipirinhas e uísque por dois reais.

Lá dentro, pensei que o ambiente diminuiria a tensão do casal, mas em todo momento que os olhava, eles discutiam. Via os dois gritando, ele apontava para ela, ela sarcástica, ele olhava para alguma menina que passava, só para irritá-la, ela saía para ir ao banheiro e não avisava para ele. E eu, sem poder me aproximar, sem saber como acabar com as discussões. Aquilo me incomodava, me deixava constrangido. Eles estavam em minha casa, ora. Decidi dar uma volta para deixá-los mais à vontade.

Fui para o outro lado da boate, fiquei atrás de uma pilastra, onde pude observar, três degraus acima de todos, a pista de dança completamente lotada e a cabine do DJ ao fundo. Por

mais que a imagem seja batida, devo admitir que é bastante apropriada: formavam todos uma massa disforme, sem rosto, se mexendo ao sabor da música. Ali, bem embaixo de mim, a poucos metros de onde estava, uma coleção de corpos pulava, completamente ignorantes do que acontecia ao lado, e muitas vezes, dentro de si mesmos. E eu, como sempre, meio triste, meio pensativo, sozinho num canto, sem motivo, sem querer encontrar ninguém. Nessa hora, na minha frente, avistei um grupo de meninas lindas – o tipo que nunca tinha ido à Interpol e se aproveitava do fetiche do último dia. Logo assim que eu reparei nelas, percebi que uma, talvez a mais bonita de todas, me olhava com insistência.

Se por um lado sentia meu ego crescer, por outro me achava culpado por não querer aproveitar essa oportunidade, não ter coragem ou forças para reagir. Já não era a primeira vez que isso acontecia. Num grupo de meninas, a que era a mais bela de todas sempre olhava para mim com outras intenções. No entanto, nem sempre tinha vontade de ir falar com ela. Quase nunca, eu diria. Sentia que a facilidade, a necessidade descartável que algumas meninas têm, de querer alguém aqui, e logo outra pessoa ali, só para não ficarem sozinhas, me deixava intimidado. Sentia-me um objeto a ser utilizado para aplacar o vazio em suas estantes temporais. Sei que pré-julgava as meninas. Não imagino quem sejam e só as avistei uma vez na vida. Era um preconceito, mas admito que quase tenho orgulho dos meus preconceitos. Contudo, algo me dizia que eu estava certo.

Eu sei que esse comportamento feminino é apenas uma adaptação do pensamento masculino de eras passadas. A mulher apenas se aclimatou àquilo que o homem pediu. Essa era uma das causas de querer, quase sempre, ficar sozinho nesses lugares. Observar os tipos, sem nenhuma pressão, sem ter que competir ou desempenhar um papel pré-determinado.

A menina, depois de alguns minutos me observando, sem que eu tomasse nenhum tipo de atitude prática, desistiu e foi para outro lugar. Imagino que com o intuito de achar outro alguém. Dentro de mim, sentia que eu tinha desperdiçado uma ótima oportunidade. E havia um outro pedaço de mim que afirmava que a situação era tão sedutora quanto em um bordel. Seria uma experiência puramente física. Qual seria o envolvimento? Quantas, iguais a essa, poderia conseguir, caso realmente me empenhasse ou tivesse a coragem necessária de arriscar e conhecer alguém diferente? O meu diabinho interno continuava a dizer que eu havia perdido uma ótima oportunidade. Repetia baixinho na minha orelha "ah, que desperdício, que desperdício".

Olhei para o meu relógio e não acreditei quando vi que eram apenas quatro e meia da manhã. Fui dar uma volta nos outros ambientes, meio sem motivo, apenas para o tempo passar e encontrei no caminho o casal de amigos, ainda discutindo. Ele me chamou para junto de si, mas falei que ia ao banheiro e escapuli. Em frente ao bar, pude ver uma cena que era

exatamente antagônica à que eu havia participado. Um sujeito supermalhado, sem camisa, com o corpo brilhando de suor, agarrava as meninas que passavam à sua frente. Para ele, a única coisa importante era o contato físico. Agia como que por instinto, sem nenhum tipo de trava, censura ou pensamento. O pedaço de mim que repetia "desperdício" observou a cena e apenas sorriu ironicamente. Era uma certa inveja dele por não ter nada que o impedisse de ser o mais selvagem possível. Por outro lado, achei toda a cena violenta demais, apesar de perceber algumas meninas mais que interessadas.

Voltei do banheiro e encontrei o casal separado, ela sentada num banco com cara fechada, ele com um copo na mão observando toda a pista de dança de costas para ela. Propus irmos embora e fui atendido de pronto pelos dois, na talvez única vez que concordaram em toda a noite. Saímos e fizemos sinal para um táxi sem pronunciar nenhuma palavra. Ele entrou no banco da frente, eu e ela no banco de trás. Não falamos nada até chegar em casa. No entanto, minha cabeça não parou. Queria saber se minha atitude tinha sido a certa ou apenas um sinal de covardia. A menina, mesmo sendo muito linda, não me atraía em nada. A situação era asséptica, fria, impessoal. Mas o "desperdício" voltara à minha orelha.

Entramos em casa, dei "boa noite" para ambos e fui para o meu quarto. Eles foram para o quarto deles. Coloquei uma música para tocar, deitei na minha cama, apaguei as luzes e fiquei com

os olhos abertos, na espera do sono. O álcool mostrou-se eficiente e em poucos instantes já cochilava. Logo em seguida ouvi pequenas batidas na minha porta. Abri os olhos, meio que assustado, não sabia o que acontecia. Era a mulher do meu camarada. Com um short e um top colado que deixava metade dos seios à mostra. Ficou na minha frente quieta, percebi que olhava na minha direção, só que não me enxergava. Parecia que atravessava o meu corpo, o meu quarto e chegava lá na rua. Ela fechou a porta com a mão esquerda e, a esse ato, senti uma resposta imediata do meu corpo. Aquela situação era por demais inesperada para não me excitar. Baixou os olhos para o meu rosto, com uma expressão próxima da assustada, querendo esconder os braços que sobravam, com uma necessidade de provocar o mal a alguém, de quebrar algo, de destruir e disse uma única frase: "Posso ficar?".

Na hora nem percebi muito bem o que aconteceu. Agi impulsivamente, como um animal. Alguém pode estar se perguntando se eu não tive algum tipo de culpa. A resposta é sucinta: sim, tive. Mas só no dia seguinte. No meu quarto, com a luz apagada, com a respiração dela ofegante, não dava para identificar muito bem o que passava na minha cabeça. Apenas sabia que era algo proibido e isso me dava mais vontade de continuar. Não raciocinava que ela era a mulher do meu amigo, apenas que era alguém impossível, intocável. O que a tornava melhor.

Havia uma confusão no meu pensamento. Motivada, talvez

pelo álcool, talvez por uma embriaguez impulsiva, talvez por alguma necessidade instintiva. Não conversamos em nenhum momento. As únicas palavras que ela disse foram aquelas. Agimos com raiva, ela abafava seus gemidos com os travesseiros, nossos beijos foram violentos, não houve carinhos, mas força. Quando acabamos, ela se levantou e, quieta como sempre, foi-se embora. Logo voltei a dormir, como se nada tivesse acontecido. No dia seguinte, os dois pararam de brigar. Ficaram agarrados durante todo o dia, em frente à televisão, ou quando saímos para almoçar, não perderam uma única oportunidade de se beijarem. Não tenho idéia se ela contou o que aconteceu conosco para ele. Mas, se fosse apostar, diria que não. Ela me tratou de uma forma como se nada tivesse acontecido. E hoje já começo a duvidar se aquela noite realmente aconteceu da maneira como me lembro ou se foi apenas algum tipo de imaginação forte demais.

Ondas

O relato que segue parecerá fantástico, até absurdo. Este é exatamente o motivo que me faz estar em frente a este computador escrevendo. Talvez algumas pessoas não acreditem no que será dito, como eu não acreditaria se me contassem. Para falar a verdade, aquelas imagens não saem da minha cabeça. Pensei que ao compartilhar essas sensações, poderia diluir a confusão que me tomou desde aquela tarde.

Meu nome é Rodrigo Feitosa. Tenho vinte e três anos, sou formado em ciências contábeis na faculdade do estado e trabalho hoje na secretaria estadual de administração. Assim que acabei o curso, por sorte e coincidência, abriu este concurso público. Fiz a prova e por sorte, coincidência, e uma promessa da minha mãe, consegui passar. Ganho razoavelmente bem (mais que a grande maioria dos meus colegas de turma) e moro ainda com a minha família, o que me deixa numa situação bem confortável em comparação aos demais. Comprei um carrinho mil, saio de vez em quando com uns amigos e não sei se ainda tenho namorada. Não depois do que aconteceu aquela tarde.

Ela se chama Lívia. Conheci-a numa festa que organizamos lá no trabalho. Por mais idiota que possa parecer, tenho que escrever isso: quando a vi, sabia que a conhecia de algum outro lugar. Não imaginava de onde, nem como ou quando, apenas que já a tinha visto. Como descrevê-la sem revisitar o desgastado

óbvio? Ela é... Ela é... Ela é linda... Lembro-me agora de seus pezinhos, sem nenhum motivo específico. São tão delicados, pequenos, ela calça inacreditáveis 32. Dedos redondinhos, carnudos, as unhas pequenas, sempre cuidadas... Poderia passar dias falando só de seus pezinhos. E as bochechas que ficam rosadas com facilidade? Meu deus, o que falar do seu nariz pontudo, minúsculo, mas afinadíssimo, o pescoço longo, os cabelos caídos pelos ombros fazendo uma voltinha, como se fosse uma onda... Como não falar de Lívia?

Poderia escrever todo esse texto falando apenas sobre ela. Mas não quero fazê-lo. Devo-me ater àquelas situações. Quero entendê-las, tirar esse peso de sobre mim.

No evento, não tive coragem de falar com ela. Sou assim. Não consigo ser natural ou espontâneo. Acho que a pior coisa do mundo é quando o homem se aproxima da mulher e repete frases impessoais. Raramente tenho algo criativo para falar. Mesmo nesses momentos, sei que ela vai achar idiota. Deixo o acaso agir e fazer com que nos aproximemos sem planejamento. Algumas vezes funciona, a maioria não. Bem, na festa, fiquei olhando-a sem parar, mas sempre desviava os olhos quando por acaso ela me observava, totalmente envergonhado.
Sem muito mais o que fazer, decidi ir embora cedo. De uma hora para outra, contudo, o tempo fechou e uma chuva típica do verão desabou. Não havia como sair. Ao saber que eu queria partir, uma amiga em comum veio me falar se eu podia dar uma

carona para Lívia. "É caminho", ela justificou. Não pude conter o meu sorriso ao dizer que seria um prazer. Depois de uns 40 minutos, como acontece sempre com esse tipo de tempestade, ela ficou mais branda. Partimos, então, eu e Lívia.

Ao entrar no carro, permanecemos em silêncio. Coloquei um som calmo e dirigi com bastante cuidado porque as ruas estavam todas alagadas ou totalmente enlameadas. Quebrei o silêncio pedindo para me guiar até chegar na casa dela, já que não era *habitué* do local. Ela me respondeu com o tom de voz baixo, porém, bastante segura: "Não há problema". Eu adoro mulheres seguras. Não uma segurança petulante, feita para incomodar, ou para medir forças, mas aquela que sabe exatamente o que vai fazer. Ou, quando tem uma dúvida, não tem vergonha de compartilhar, de dividir, de pedir ajuda. Ela falou comigo e perdi completamente a concentração na estrada. Como num filme de comédia, ela teve que me lembrar do caminho.

Segurava o volante com as duas mãos e me aproximei do pára-brisa para enxergar melhor, já que o vidro estava completamente embaçado. Logo ela pegou uma flanela debaixo do painel e se ofereceu, sem que eu pronunciasse palavra, para me ajudar a desembaçar o vidro. Eu virei minha cabeça e agradeci com todo o meu rosto sem precisar falar nada. Fiquei pensando: como essa menina poderia ser tão doce? Naquela hora, queria aquela mulher para sempre, era a mulher que sempre quis, sempre fez parte da minha vida, sem que eu me desse conta. Percebi que

nos entendemos e sorrimos juntos. Não tenho como dizer exatamente o que me aconteceu naquele momento. Fiquei bobo. O sorriso explodiu no meu rosto, tudo fazia sentido e nada era chato. Estávamos numa sintonia inexplicável. Conversávamos as coisas mais ingênuas e tudo era engraçado, curioso, divertido. Ela falava e eu sorria, tentava não sorrir, mas o sorriso aparecia novamente em meu rosto, era inexplicável. Todo o trajeto pareceu ser muito menor, todo o tempo junto dela passou despercebido.

Entramos em perímetro urbano e a chuva parou de vez. Incrivelmente o céu estrelou-se. Eu sentia algo confortável, uma felicidade que não sabia de onde vinha. Percebia o meu rosto queimando e me dava vontade de pular de alegria como uma criança pequena. Nossas sintonias eram as mesmas. Olhei para ela, ela olhou de volta e rimos. Mais uma vez sem motivo, ou por qualquer razão. Novamente tive a certeza que já a conhecia há muito tempo. "Boa música", ela disse. O carro parou num sinal de trânsito. Puxei o freio de mão e me virei para ela calmamente. Ela fez o mesmo. Dessa vez não rimos.

Antes de levá-la em casa, paramos num quiosque onde avistávamos toda a praia. Foi uma das noites mais perfeitas da minha vida. Descobria, a cada palavra, a mulher maravilhosa que era. Não tínhamos luxo, ou qualquer coisa que importasse no ambiente. Pegávamos cerveja num balcão de madeira e a bebíamos sobre o carro. Mas ela se mostrou divertida, inteligente,

com uma cultura que me deixou sem palavras em várias oportunidades. Senti-me tranqüilo para poder tocar em determinados assuntos que nunca pude falar com mais ninguém. Ao final, meio de brincadeira, meio a sério, pedi-lhe em casamento, ela sorriu e me beijou novamente.

Deixei-a em frente de seu prédio com um pesar enorme, com uma saudade que nunca tinha sentido, com uma dor indescritível. Eu não queria voltar para casa e sabia que ela também não tinha vontade de subir para o apartamento. Fui embora quando quase amanhecia e com uma vontade louca de ligar para ela a todo momento. Não sei até hoje como dirigi o carro na volta, já que não estava com a cabeça ali.

Para o namoro foi rápido. Saímos várias outras vezes e quando me dei conta, já conhecia toda a família dela e era apresentado como "genro". O fatídico dia aconteceu uns dois meses depois disso.

Marcamos de ver um filme que só estava passando no cinema perto dela. Era um domingo de céu nublado, num clima agradável, algo em torno das quatro da tarde. Havíamos comprado sorvete e passeávamos pela orla. Era a primeira vez que fazíamos este tipo coisa e era a primeira vez na minha vida que andava por aquela praia.

Resolvemos sentar num dos bancos de pedra de frente para o

mar, que batia calmamente na areia. Ela se sentou de frente para mim, e eu de frente para a água. Comecei a observar as ondas vindo e voltando, vagarosamente. Vinham e voltavam. Molhavam a areia tornando-a mais escura, depois se retiravam, e a água escorria entre cada grão, e a areia clareava, como num ciclo. As ondas vinham e voltavam, vinham e voltavam, vinham e voltavam, quase idênticas. Na minha frente, só o mar, nenhuma alma, nada além da água que vinha e voltava. Fiquei tanto tempo nesse estado que perdi a noção do tempo. Então olhei para o lado e tomei um susto. Vi Lívia, mas ela não era a que eu conhecia. Sim, tinha os mesmos traços, a mesma tez, a mesma cor de cabelo, mas não era ela. Olhava-me com a mesma vontade, tinha a mesma intenção, mas já não se vestia como estava há poucos instantes , trajava um vestido antiqüíssimo, com um chapéu de abas longas. Já não se sentava de frente para mim, porém de lado, mais recatada, não tinha o sorriso franco, era mais discreta. Já não se chamava Lívia, e eu não sabia o seu nome. Olhei assustado para a orla, e não achei nenhum dos prédios que deveriam estar ali. Apenas uma chácara perdida. Tudo havia desaparecido: os carros, as pessoas, o banco onde estávamos sentados, o chão de pedra-portuguesa, o calçamento da rua. Só o mar que vinha e voltava era o mesmo. "O que passa em teus sonhos?", Lívia, ou a mesma mulher com outro nome, me perguntou: "Por que esses olhos tão assustados?". Não sabia o que responder. O que eu dissesse me denunciaria que eu não fazia parte daquele lugar, daquele tempo. Fechei meus olhos com a intenção de deixar todas essas imagens para

trás e voltar para a minha realidade, mas quando os abri novamente, foi em vão. A primeira coisa que avistei foi um tílburi sozinho passando pela orla. Lívia, ou a mulher ao meu lado, me inquiriu novamente, e eu apenas abaixei a cabeça e respondi bem baixinho que não havia acontecido nada. Ela se apoiou na pedra em que estávamos sentados para olhar meu rosto e insistiu em perguntar, num português arcaico, o que havia acontecido. Pelo meu lado, eu persisti em afirmar que não tinha acontecido nada e me levantei grosseiramente. Toda a praia deserta, como eu não podia imaginar que pudesse ter sido algum dia. Ela continuou falando que eu não deveria ficar preocupado, que o pai gostava de mim, que iria autorizar o nosso casamento. Eu já não conseguia me concentrar nas palavras. Tentei entender o que estava acontecendo comigo. Fiquei um tempo em pé, olhando para o mar novamente, as ondas que vinham e voltavam, exatamente iguais às que tinha visto depois do cinema. Elas vinham e voltavam, vinham e voltavam, nada mais era idêntico, apenas aquelas ondas, exatamente iguais, durante séculos gêmeas das primeiras ondas, e a senti me agarrando pela cintura. Um pouco surpreso, me virei assustado e ela havia se transformado novamente. Tinha as mesmas feições de Lívia, porém vestia-se de maneira diferente, jeans boca de sino, uma camisa florida e o cabelo preso por uma fita pequena. Eu a empurrei para que se afastasse de mim e me desse algum tempo para pensar. Ela se ajoelhou no chão de areia, "Pode dizer, é outra mulher, não é? Eu agüento, pode dizer". Atrás dela, casas já apareciam aqui e ali. Um ou outro carro passava na rua. Ela

ficou ajoelhada no chão, parecia que chorava, e eu, estático. Tinha vontade de ir lá, beijá-la, implorar para que se levantasse, afirmar com toda a minha força que nunca houve outra mulher além dela, mas não tive coragem. Alguma coisa muito mais forte que eu me segurava no chão. Não conseguia concatenar os pensamentos na minha cabeça, não fazia idéia do que acontecia comigo, escutava apenas duas vozes na minha cabeça, uma que gritava para que eu fosse embora, que esquecesse tudo e outra que dizia baixinho para ficar ali, para enfrentar toda a situação, por mais inacreditável que fosse, que lutasse por Lívia porque ela era a minha mulher. As duas vozes tomaram toda a minha cabeça e começaram a me sufocar, já não enxergava mais nada, só tinha a noção da existência de ambas as vozes, uma aos berros, outra em sussurros, eu tinha que tomar alguma decisão, tinha que acabar com aquelas vozes, tinha que fazer algo... Abri meus olhos e só avistei meu carro parado na praia e para ele andei com pressa. Tenho certeza que Lívia, que ela me gritou, só não sei o que disse. Eu tinha que resolver toda aquela situação e fugir foi a única coisa que me passou pela cabeça.

Entrei no carro e, assim que dirigi um pouco, voltei ao normal, à minha realidade entre uma piscadela e outra. Assim, sem nenhuma explicação, tão rápido e tão imprevisível como foi a ida. Assustado, parei o meu carro e retornei à praia o mais rápido possível. Quando passei pelo banco, Lívia, obviamente, não estava mais ali.

Passaram duas semanas desde essa tarde e eu ainda não consegui entender o que me aconteceu. Não acho nenhuma explicação racional, nem qualquer fato sensato e coerente. Nada. O que é mais óbvio é o mais difícil de se acreditar. Porém, o meu maior motivo de vergonha é o fato de ter sido tão covarde. Fugi de uma situação que não tinha a menor idéia de como ia acabar, só por não ter o total controle. Parece que eu só me sinto confortável quando sei exatamente onde piso. Quando aparece uma surpresa, ou algo fora dos planos, eu corro. Vivo apenas a minha vidinha média, tudo na média, no comum, no meio, nunca explorando o máximo que nos é permitido. Sempre planejado, dentro de limites, dentro das expectativas. Sou um ser comum, que não brilha diferente, que vai ser esquecido pela vida assim que me for. Não adianta ter outras oportunidades, sempre desistirei, fugirei, nunca vou colocar meu rosto para fora. Será que sempre viverei sempre na defensiva? Será que nunca terei coragem?

Querer no pretérito imperfeito

Ao rodar mais uma vez meu copo de cerveja e olhar adiante tive a certeza de que deveria ir embora. Ninguém no raio de poucos metros era conhecido. As pessoas dançavam e eu queria apenas a menina por quem sonhei minha vida inteira, sem mesmo saber disso. Crítico como sou, havia analisado cada detalhe das faces sorridentes que desfilavam sem perceber que o faziam. Eu, ácido, eu, poço de ressentimento, não queria, não me deixava me conectar, me contaminar por essa felicidade sem motivo. Queria as coisas da maneira como havia planejado. E se elas não saíssem conforme o planejado, o errado seria o mundo, não eu. Pode até parecer pretensão, e é. Nunca havia admitido isso para ninguém. Talvez me ache o suficiente. Talvez a minha intenção seja a de ser deus, como já disse Fellini. Talvez seja esse o motivo que goste tanto desse lugar aqui, onde domino todas as personagens, e todos têm os gostos e os gestos que queira que eles tenham. Isso – todas as somas dessas informações – é um pouco doentio, já que é improvável que eu consiga, algum dia, dominar o mundo. O provável é uma série de decepções em seqüência. E como eu detesto me decepcionar... Por isso, eu já cri que o normal, o meu normal, é a infelicidade, ou o inverso da felicidade – que podem ser coisas diferentes. E fico tentando me convencer que há gente solar e lunar no mundo, e eu faria parte do segundo grupo. Não consigo elucidar essa espécie de mistério, e é provável que nunca consiga. Mas a

questão fica: se eu agisse menos preocupado com a perfeição, ou com a perfeição de acordo com os meus pensamentos, com o que EU acho perfeição, será que essa tristeza, tão minha companheira dos últimos tempos, será que ela iria embora? As respostas, quaisquer que sejam, são meros exercícios de especulação. A tentativa é um caminho saudável. O modo, o jeito, a forma como isso pode ser feito, já não sei. Tenho medo de criar artificialmente uma felicidade, daquelas que seguem normas, padrões, ou que podem ser compradas dentro de frascos ou no shopping center. O meu intuito final é ser um ser vazio, livre de pré-conceitos e verdades pré-estabelecidas. Mas como desejar algo que de antemão eu sei que será ruim? Como ansiar por uma festa de natal, por exemplo, lotada de pessoas que mal conheço e que se acham no direito de me chamar de família? Como ficar feliz com isso, por exemplo? Eu dou dicas, explicito o que acredito, ou o que estou sentindo, mas ninguém vê, ou ninguém quer enxergar – o que, de acordo com o clichê, é mais viável.

Na festa todos haviam tentado. Eu nem isso. Não queria me dar a chance de um sorriso escapar sem querer, de uma alegria brotar sem que eu percebesse. Queria manter-me com os pés dentro da lama, queria piorar o meu aspecto, se pudesse pegar um pouco de chuva, na tentativa de pegar um ônibus de volta, melhor. Queria chafurdar dentro de uma agonia que achava genuína, que não conseguia descobrir a origem, porque não tinha a intenção. A minha intenção, e talvez seja a maior desco-

berta, era me mostrar um ser superior, não compatível com esses valores tão pequenos, tão cotidianos, tão crônicas da vida privada. Em meus sonhos, e em meus desesperos, só as grandes questões são importantes. Pequenezas devem permanecer à distância. Num lugar seguro, sem que eu pudesse enxergar, para não atrapalhar nas minhas elucubrações sobre as grandes questões da vida. (Aliás, quando é que eu penso nas grandes questões?)

Fugi porque não queria aceitar a minha incompatibilidade. Não queria demonstrar que era incapaz de reagir, ou de ter qualquer emoção genuína, daquelas que aparecem sem querer. Aliás, eram essas que eu queria afogar, assassinar cruelmente, com requintes de terror. Não quero cair numa espécie de auto-ajuda pelo inverso. Ou transformar isso numa música do Travis e perguntar por que é que sempre chove em cima de mim. O que eu quero é apenas entender, tentar trilhar um caminho para o vazio de sentimentos anteriores. Desejo apenas não saber o que vai acontecer, ou imaginar todas as possibilidades, antes de tudo ocorrer. Tenho a intenção de nem planejar fugas espetaculares, nem conceber dias seguintes. Não quero mais encarar o futurocomo algo possível.

Por isso desci as escadas, com o ego ferido, pensando em como é que essas pessoas podem se divertir com isso, quando o errado era exatamente aquele que ia embora naquele momento, sem nenhum motivo especial. Não havia motivos para não gos-

tar. Todos os detalhes da festa funcionavam à perfeição, os pequenos erros já tinham sido consertados, havia piadas, havia até uma empolgação genuína. Eu não entrei naquele clima porque tinha recusado antes mesmo do convite. E nem tentei lutar contrariamente.

Dèja vu

Parece que sempre foi assim. Não consigo conceber minha vida sem essa característica. É um sentimento de que as coisas por mais que se pareçam com a novidade, nunca são realmente. Meio complicado de explicar, eu sei. Mas como falar que eu me lembro de situações que nunca vivi? Não de uma maneira mediúnica, não, não creio nessas coisas. Como se tudo aquilo que eu vivo, eu soubesse depois, depois de ter vivido, que eu já conhecia antes... É melhor exemplificar.

Houve uma vez, eu tinha uns 19, 20 anos. Estava na casa de uma amiga, tarde da noite. Uns conhecidos se juntaram para beber alguma coisa, vinho, drinques, comer e conversar. Certo momento, alguém começou a falar sobre um autor que eu nunca tinha lido. Ficaram sobre a mesa, no meio de toda a roda, dialogando sobre a obra do escritor e o Mário comenta algo sobre seu livro mais conhecido. O sujeito descreveu com minúcia todas as aventuras e as desventuras amorosas do protagonista e eu escutava com um extremo de atenção, pois me parecia realmente interessante. Cada detalhe das paixões da personagem principal, os seus envolvimentos, as ironias, o humor fino do texto. Era tudo novidade para mim. A história me parecia muito interessante. Resolvi anotar num pedaço de papel o nome do livro em questão, decidira comprá-lo na próxima vez que fosse à livraria.

No dia seguinte, como em todas as manhãs, levantei-me e fui à cozinha comer algo. Lembro do momento à perfeição: estava de costas para a pia, com um copo de água gelada na mão e o levantei quando uma idéia assaltou minha cabeça e me fez largá-lo. Estatelou-se no chão provocando um barulho agudo. Não podia domar o meu pensamento, o conceito era soberano, dominava-me. Tive a certeza mais que absoluta que sabia de cor o livro descrito no dia anterior. Nada demais, pode-se pensar, Mário havia narrado com riquezas de detalhes. Mas não, meu caso era diferente. Conhecia o livro antes do Mário ter me contado. Por mais que não fizesse nenhum sentido lógico na cronologia, essa era uma verdade que não conseguia confrontar. Estava pronta e não admitia debate. Como se na véspera tivesse escutado sobre algo extremamente conhecido. Era um fato indiscutível, impassível de erro, já conhecia o livro, já sabia todos os trechos narrados. Lembrei-me da mesa na véspera, com o Mário no lado oposto ao meu, da maneira empolgada que ele destrinchava os capítulos, e parecia que assistia a uma reprise, porque, óbvio, já conhecia o livro. Os detalhes mais sórdidos: a história da morte, a volta no tempo para quando o protagonista ainda era uma criança, o seu envolvimento precoce com uma mulher mais velha, a ida para a Europa, a paixão por uma mulher que se casará com um próximo, as traições, a ausência do casamento, a velhice, a morte de amigos e parentes e, novamente, o seu falecimento, tudo parecia já conhecido há muito. Como se sempre soubesse disso e não tivesse tomado contato dessa obviedade no dia anterior naquela mesa.

Acho estranho, mas não luto mais contra essa emoção. Não é desconfortável sentir o que sinto. É uma certeza estranha que possuo. Eu, que tenho tantas dúvidas, experimento um conforto quando tenho alguma certeza, mesmo que seja fora do que é considerado real. Hoje já consigo analisar o fenômeno como algo distinto. O mais ilógico é que não acontece sempre. Ou não acontecia.

Há pouco tempo, o fenômeno começou a acontecer com mais freqüência. Vejo um filme e na saída sei que conheço o filme há anos, mesmo que fosse um lançamento visto numa pré-estréia dentro de um festival. Acontece com livros, com conversas, com cenas do cotidiano, tudo quanto é novidade, tenho a certeza que já passei aquilo, antes mesmo de eles acontecerem pela primeira vez.

Certo dia sem nenhuma importância, fui passear com minha namorada em um parque e disse para ela que era a primeira vez que andava naquele lugar. Assim que fomos embora, lembrei que já conhecia aquelas árvores, a gruta, o chão de terra cercado pela grama, eu já tinha visto aquilo tudo. Tentei me lembrar quando tinha ido lá anteriormente e a memória não veio. Confundi-me um pouco com essa idéia. Mas tudo era tão familiar, as luminárias quebradas, as grandes palmeiras imperiais, o vão central largo debaixo das árvores centenárias, a ponte em cima do pequeno riacho que percorria todo o parque. Já tinha feito o mesmo percurso outra vez. Mas quando?

Agora, saio de casa e avisto um carro passando à minha frente e logo depois me vem a idéia que eu já sabia com certeza que aquele carro cruzaria na frente da minha casa. Dobro uma esquina e encontro uma barraquinha de balas e chicletes e, ao passar por ela, lembro que já sabia que a barraquinha estaria ali, mesmo que fosse a primeira vez que ela estivesse lá. É como se eu me lembrasse de um passado que não existiu, mas que para mim, é o único possível.

Todas as visões únicas se desdobram em outras mais. Até posso me surpreender com alguma coisa qualquer, mas, no instante seguinte, me sinto estranho por ter me assustado com o fato, pois sabia da sua existência desde sempre. Era como se eu fosse uma espécie de visionário, mas que pudesse desvendar o passado ao invés do futuro. Sei que não é vantagem nenhuma saber exatamente o que aconteceu, mas, quando me acostumei, achei uma certa graça. Rio sozinho me achando um vidente pelo inverso.

Gaivota

1

Sentado na cama, ele segura o revólver com a mão direita. Veste apenas uma regata e uma cueca samba-canção, ambas de algodão amarelado pelo tempo. O quarto é de pensão antiga, móveis com superfície arredondada de madeira escura; a cama com lençóis brancos dobrados perfeitamente; o travesseiro, intocado. A fumaça do seu cigarro sobe até encontrar com o ventilador.

Ele, de frente para a cômoda de duas gavetas pequenas e mais três grandes onde guarda a pouca roupa que tem. No armário, à sua esquerda, deixa seu terno. Seu único e preto terno.

Em cima do móvel, duas fotos, um cinzeiro parcialmente cheio, a bagana acesa, um maço pela metade e cinco balas de calibre 38. Fotos de uma mulher e de uma família. Ele os conhece bem, tão bem que evita olhar para os retratos, com medo de desabar, sem saber como encará-los e ficar de pé depois.

Alisa o cano do revólver como se quisesse purificá-lo. Os cabe-

los cuidadosamente penteados com gomalina, repartidos da esquerda para a direita, curtos e nigérrimos.

O banheiro fica atrás dele. Azulejo branco encardido, cortina transparente e fosca no box. A porta do quarto à sua direita, com maçaneta fina, alongada e detalhes arredondados. O barulho repetitivo e frenético do ventilador não incomoda. Está anestesiado. Sua mente concentra-se num ponto fixo, numa meta, num fim a alcançar e nada o tira desse transe.

Há pouco tempo comprou a arma. Há pouco mora naquele quarto, vive essa vida... Há pouco decidiu acabar definitivamente com a dúvida que é a única habitante de suas idéias.

Pega o cigarro e o leva à boca para sentir mais uma vez a mistura de alcatrão com nicotina e todas as outras substâncias tóxicas. A cinza cai no chão, não repara nem quer. Coloca a arma de lado, devolve o pito para o cinzeiro. Levanta-se em direção ao armário. Abre a porta e se olha no espelho.

2

Mais magro, mais branco, mais triste. Ficou parado. Olhando os olhos sem nenhum brilho. Tentava alcançar o fundo da sua alma. Queria a verdade do interior, apenas a verdade. Mas não

recebia nenhuma resposta. Apenas mais questões, mais dúvidas. Fechou os olhos e segurou-se. Ficara desequilibrado.

Abriu a outra porta do armário para pegar o terno. A dobradiça rangeu de dor. Tirou o cabide com o terno. Colocou na cama sem amassá-lo. Procurou o cinto em uma das gavetas. Retirou as meias. A camisa branca.

Enrolou o revólver na flanela bege, o deixou em cima da cama. Contornou a cama em direção ao banheiro, ligou o chuveiro. Foi tirando a roupa, dobrando-a e a colocou em cima da privada branca, sistematicamente.

Entrou na banheira antiga e encardida, como a pensão. Muitas pessoas com muitas vidas haviam passado por aquela banheira. Ele sem pensar nisso. Ele sem pensar, no piloto automático. Ligou a água fria na tentativa de despertar. Em vão.

Deixou a água escorrer pelo corpo sem fazer nenhum esforço. Apenas lembrava de... Imagens povoavam sua mente e a razão cada vez mais caduca. Tomou o banho mais demorado de sua vida. Girou vagarosamente a torneira e desligou o chuveiro, olhando para os azulejos da sua frente. Abriu a cortina sem vontade. Pegou a toalha branca e a deixou cair sobre o corpo.

Saiu completamente desligado da banheira velha, com os cabelos desgrenhados e a água escorrendo pelo corpo. Olhou-se

mais uma vez no espelho do banheiro. Procurava algo ou alguém, ou apenas coragem ou novamente a verdade. Vasculhava sem encontrar nada. Estava vazio, só tinha a casca, apenas os gestos. Enxergava com olhares tristes, sem esperança, mas decididos.

Encaminhou-se para a cama onde ficara sua roupa. Pegou automaticamente peças limpas de roupas íntimas de um branco gelado. Começou a se vestir. As meias, a calça, a camisa branca, o cinto, o sapato, a gravata com nó e o paletó. Sempre a mesma ordem para não se esquecer. Abriu mais uma vez o armário. Pegou um pente. Olhou-se no espelho para delimitar o cabelo, cuidadoso como tinha que ser com todas as pequenezas.

Arrastou a mão direita entre o lençol e a flanela com a palma da mão voltada para cima para sentir o algodão do
lençol se misturar com a sua mão. Mas não sentiu nenhuma emoção, estava oco. A mão esquerda fechou por cima e ele levantou a arma protegida pelo pano. Colocou-a dentro de uma pasta. Encaminhou-se para a porta, girou levemente a maçaneta para baixo, que gemeu nervosa.

3

Avistou o restaurante. O único possível. Ele havia procurado exatamente este por todos os dias dos últimos meses. Era bem modesto, com janelas de vidros grandes, porta de madeira, um pequeno corredor, mesas separadas, bom espaço interno.

O restaurante ficava numa área bem discreta da cidade. Era freqüentado principalmente por turistas que circulavam perto do porto. Não era um restaurante ruim, mas modesto. Conduto havia algumas especialidades que só ele se propunha a fazer, como o prato de gaivota.

Ele tomou coragem. Nunca encontrara outro que servisse gaivota. Demorou ainda um mês para tomar coragem e entrar no restaurante. Ele havia comprado o revólver logo após o acidente. Mas não queria se lembrar disso. Não mais. Não sabia se o que ele acreditava como verdade era exatamente isso. Mas não sabia de mais nada. Resolveu crer em algo, mesmo que sem a certeza.

Entrou no restaurante pela porta da frente. O mâitre veio recebê-lo. Pediu uma mesa discreta para duas pessoas. No canto do restaurante, bem atrás da coluna de sustentação. Ficaria sozinho e impediria que o avistassem de qualquer ponto de den-

tro do restaurante.

Sentou-se. Pediu água mineral sem gás. O garçom não demorou e trouxe o menu. Apontou com o indicador direito o prato de gaivota, sem ao menos olhar o cardápio. O garçom anotou o pedido e retirou-se.

A água chegou às vinte horas e treze minutos. Olhou o relógio. O garçom serviu em um copo com gelo. Levantou o copo. Bebeu um gole. Olhou o copo. O restaurante era mal iluminado. A luz passava através do copo e tornava o ambiente mais claro. Olhou para a lâmpada. Olhou para o relógio. Vinte e vinte. Tomou outro gole demorado. Deitou o copo na mesa. Colocou os braços estendidos sobre a mesa como que para meditar. Olhou para o nada à sua frente e em sua volta.

Vinte e quarenta e sete chegou o prato de gaivota, fumegante. Tinha contado cada segundo que havia passado sozinho. A cada instante imaginava cenas diferentes umas das outras. Era como se o pensamento não estancasse em uma imagem específica, apenas flanasse de uma a outra. Pegou o garfo com a mão direita, a faca com a esquerda. Calmo, vagaroso, concentrado. Tirou o molho e os condimentos de cima da carne, limpando-a com o maior cuidado possível para que não ficasse nenhum vestígio. Deu um corte generoso. Espetou com o garfo. Olhou aquela carne branca cozida presa na sua frente com a fumaça e o cheiro que sentia espalhar-se. Sabia que a chave de todas as suas

perguntas se resumia a algo tão banal, tão próximo, tão indecifrável. Levou vagarosamente à boca e fechou os olhos. Sentiu o gosto forte dos temperos e salivou inconscientemente. Começou a triturar a carne. Uma mastigada, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito. Deixou aquele pedaço disforme repousar por alguns instantes em cima da língua. Abriu os olhos e a engoliu.

Respirou fundo. Esperou o corpo voltar a uma posição de repouso, sentiu o peito dilatar com a entrada do ar e diminuir de volume quando ele saiu. O coração agitou-se. Olhava para frente, mas não via nada ali. Assistia à cena de meses atrás. Ficou completamente cego. Girou o corpo até pegar a bolsa. Abriu. Tirou a flanela. Desembrulhou e uma luz brilhou no cano prata. Segurou no cabo preto. A mão firme, o braço tenso, a cabeça distante, o gesto automático. Puxou o cão. Levou à cabeça. O cano espetado na fronte. Ela aperta o gatilho. Fumegante.

João

Agora ele está deitado no chão. Ou esteve, ou estará, é confuso. Consigo apenas lembrá-lo estendido no mesmo lugar que ele estava. Ou minha memória e a realidade se uniram de uma forma que já não posso desentrelaçar. Apenas alguns detalhes destoam da imagem que eu tenho e... Não, não sei, talvez tudo seja mesmo inventado. É, talvez seja isso: imaginei tudo o que acho que já aconteceu e nada é verdadeiro.

Ele me disse o seu nome. Então, é isso, tenho certeza, esteve comigo anteriormente, nem que este momento tenha sido há alguns instantes ou horas – ou ambas as coisas. Ou será que esta cena da minha memória também é fruto de imaginação? Não, não posso me deixar contaminar pela confusão em minha mente. Já o vi, isso é certo. Já o percebi em outros lugares. Mas será que não foi algo inacreditável que ficou tão verdadeiro na minha cabeça que eu agora acredito como verdade absoluta?

Disse que ele me confidenciou seu nome, apertou minha mão com a sua, suja, grossa, dura, mas não lembro qual foi exatamente o substantivo próprio que me disse. Lembro o contraste entre as mãos brutas e o cabelo branco, revolto em ondas pela cabeça, cabelo macio, cor e jeito de nuvem. Eu estava ocupado em tirar fotos, como sempre quando passo por essas partes da cidade, com a minha intenção de retratar as distâncias sociais que exis-

tem nesse mesmo perímetro.

Confesso que estou com medo agora. Ou estive e agora me recordo com tanta propriedade deste sentimento que não consigo me desvencilhar da minha memória, como se fosse o agora. Vi-o, apontei-lhe a máquina (pode ter sido uma arma), ele se assustou, caminhou para mim na impossibilidade de correr, chiando tentou me chamar, querendo alguém para uma conversa despretensiosa.

Era de manhã, me lembro, tenho certeza, tinha uma luz boa, é, era isso, e eu só queria imortalizar algum flagrante, algo que chocasse. Talvez arquiteturas em conflitos, prédios novos e antigos vivendo juntos, tocando uns nos outros, transeuntes em confronto que se esbarram quando são apenas andarilhos despreocupados depois ou antes do almoço; veículos em contraste, com suas cores berrantes, o amarelo dos táxis, os verdes claros, vermelhos, beges dos ônibus; a sujeira das ruas, pelos becos, escondida, pelos cantos, embaixo de um tapete metafórico, abaixo da minha linha de visão, onde não pudesse enxergar. Nunca sobre o capô de meu carro, jamais quebrando o pára-brisa.

O sangue escuro escorre de sua cabeça agora, pelo seu nariz, pelo buraco do seu ouvido – ou escorria desde esta manhã? Ele de pé, na minha frente, procura os meus olhos e eu fujo, com medo, com vergonha, não sei. Andei do laboratório até a

redação e fiz esse percurso algumas vezes, para o escuro que me libertava dessa canalha atrás dos micro-computadores que vive ignorando o mundo lá fora. Mas, e depois da tarde? Ou antes: e de manhã?

Eu tenho que esfregar na cara de cada um deles essa verdade que implora uma atenção. Isto é o que faço. Eu, com minha teleobjetiva, peço emprestada a alma dessas pessoas e as chupo para dentro da minha máquina, sem maquiagem, sem produção, a realidade que não bate a porta, não senta no botequim para beber cerveja, não paga contas nem impostos. Sou – creio que sou – o gondoleiro dessa informação até a mente dos que vivem fora do ar, num mundo pequeno e ridículo, onde os valores são desumanos. Exatamente nesse momento posso apalpar a minha máquina pesando no pescoço, e aquele homem com a voz falhando, cansada, velha, que disse, quero sair da rua, nem sempre vivi aqui, já tive família, nunca filho, graças a deus, mas com esse governo não é possível, pensei que ia mudar, nada, só quero uma casa, um teto, a vida na rua é difícil, a vida é muito mais difícil que o que você pode imaginar.

Ele está deitado no chão, exatamente como na hora que o encontrei pela primeira vez. Que bela foto, que autenticidade, que plástico, penso em algum momento. Esse instante existe para que as duas pontas da cronologia se encontrem, entretanto não saberei descrever. A realidade e a ficção? A memória e o que vejo agora? O que foi e o que é? Lembro – foi de noite, já

de madrugada, voltando para casa. Não foi. Foi? – o homem de uniforme azul me disse para sair daqui porque senão poderia ter algum tipo de problema. Eu, trabalhador, homem de bem, não poderia queimar minhas expectativas por causa de um joão-ninguém. Ele no chão, escuro, luzes acesas, meu carro amassado, ainda antes, um vulto voando sobre mim, indo ao meu encontro e depois, o som de ferro retorcido e vidro quebrado e de dor. O cheiro de sangue. Ele não me reconheceu, e eu não lembrava dele, não podíamos, foi rápido, instantâneo. Ele não existia antes. Talvez, apenas, quando apertou a minha mão e me disse o seu nome, que eu já esqueci, que eu não me lembro e então ele, depois, não é mais ninguém. Voltou a ser o que ele era, é ou já foi. Infelizmente, com tristeza nas minhas mãos, o coração em disparada, uma dor ansiosa, uma culpa pesada, não será mais.

Acabei de chegar a minha casa e escrevo tudo da maneira como vem para mim. Talvez desordenado cronologicamente. Talvez logicamente inviável. Provavelmente, sem provas.

Agora tenho certeza, ele está deitado no chão.

O eterno, o retorno

Nem Armando nem Sandra acreditaram naquela ligação no meio da noite. Dizia que o único filho deles havia morrido, "acidente de carro", pronunciou a gélida e irreconhecível voz ao telefone. O garoto não era desses que correm ao dirigir, pensaram em uníssono e, se soubessem desse detalhe, com certeza não ficariam assustados. Anos de vida dedicado ao esporte, disciplinado, ótimo aluno, recém-aprovado na faculdade, todas as caminhadas mal iniciadas. Por quê?, e então pararam de pensar.

Foram diretos para o hospital com esperanças infundadas. Ambos médicos, não queriam agora crer na razão. Desejavam o filho de volta cada um à sua maneira. Sandra queria gritar, mas a boca se fechava no momento. A dor rasga a garganta, bate em seus dentes, deixa-a totalmente tonta. Armando almejava vê-lo só mais uma vez para ter certeza, pode ser masoquismo, é desespero, ele quer saber, é ele mesmo que está lá, inerte, finito, é ele mesmo? É o filho?

No carro havia mais quatro garotos e todos resistiram. Só o filho deles que morreu. Pensar nos sobreviventes era uma forma de piorar ainda mais o que eles sentiam. A cada palavra, a cada movimento dos meninos, eles lembrariam que o filho não poderia mais ficar com eles e fazer tais banalidades. Eles só queriam ser frívolos com o garoto. Apenas isso mais uma vez.

Sempre deram presentes caros, viagens para fora do país, bancaram sonhos impossíveis. O garoto não parecia ser capaz de... Dessa maneira tão estúpida, por que agora? Por que o filho? Por que ele? Não fazia mal a ninguém, era tão bom...

Um longo tempo passou e ambos não conseguiram desviar suas atenções para outros assuntos. A vida findara-se ali. Sandra, principalmente ela, nem conseguia pensar direito. Negava-se a continuar. Acordava porque a luz insistia em entrar pelas frestas das cortinas, mas sem sair da cama. Armando tentou voltar à rotina com o intuito de admitir para si a realidade. Mas não, não era possível.

Alguns dias, em casa, Armando passava pelo quarto do filho e ao ver todos os seus objetos intactos, da maneira como ele havia deixado, era a sua vez de despencar. Trancava-se aos choros, silencioso para não acordar ninguém, o soluço abafado com os travesseiros e dormia ali mesmo.

"O que atrapalha Sandra é não ter nenhum tipo de religião", Armando se dirigia aos mais íntimos. Mas não perguntavam como se sentia, porque parecia um pouco melhor que ela. Na verdade queria que o inquirissem para poder demonstrar que também sofria, que também perdera a razão, que não era justo, como o único filho morre antes deles? Tinham feito tantos planos, não era justo. Não era justo, não era justo, e eles nunca perguntavam e ele ficava sozinho, dentro de si, guardando, afun-

dando o que sentia, empurrando para mais abaixo, escondendo para não encontrar mais, não queria mais, era inevitável, não era possível, mas não havia um motivo, isso que mais o chocava. Não entendia. Ninguém entendia, não tinha como entender, nem havia compreensão possível.

O tempo parecia indiferente para ambos. Sandra desistiu do resto da vida e se trancou. Tornou-se dependente do marido para tudo e não gostava de sair de casa. Dizia sentir um pânico que não sabia a origem nem como se manifestava. Apenas embotava sua visão e nada mais funcionava, era impossível, não se via mais, era branco, vazio, embaçado. Queria ficar dentro de casa onde se sentia segura, porque lá ela sabia onde pisava, quem ela era, como se comportar. Não queria mais ver pessoas, não mais, nunca mais.

Armando não percebeu isso porque, da sua maneira, ele também se distanciava de tudo a sua volta. Os amigos não sabiam como se aproximar. Visitavam-nos, sim, mas era tudo muito estranho: Sandra, sempre sentada, sempre quieta, os olhos vazios, sempre. Sugeriram procurar ajuda, mas Sandra não queria ser resgatada, ela queria algo que não havia como existir, não tinha sentido esperar e por isso ninguém podia ajudá-la. Sempre que começavam esse assunto, ela balançava a cabeça de maneira desordenada e tentava tapar os ouvidos. Se insistissem, ela se levantava e ia para o quarto distante daquelas vozes. Armando não mais a enxergava, não mais sabia de nada além dele

mesmo. Tinha dificuldades em se organizar. Não conseguia. Falavam-lhe para ajudar Sandra e ele pergunta o porquê e por quê?, por quê? Ninguém conseguia se aproximar de ambos.

Os dois se isolaram, não mais se comunicavam. Nem como antes, nem de qualquer outra forma. Entretanto, a simples presença física de um ao lado do outro era a única maneira de manter-se ainda com os sentidos ligados. Se fossem sozinhos, ou se não vivessem mais juntos, estariam ainda mais prostrados e, talvez, irrecuperáveis. Mesmo com esse pequeno fio de realidade ainda ligado, os amigos foram rareando, desistindo, perdendo o contato. Era Sandra para Armando e Armando para Sandra.

A cada ano, quando se aproximava a data, ambos decidiam viajar para a casa na serra. Ficavam um mês inteiro sozinhos, sem saber nada do lado de fora da casa. E um pouco antes do quinto ano aconteceu o seguinte:

Decidem não viajar. Sandra está pior em seu pânico. Há dois meses que não vê a cor das folhas das árvores. Vive com o mesmo pijama de mangas longas, não importa o calor lá fora. Dentro da casa sempre é frio. Na semana, Armando não vai trabalhar. Ficam em cômodos separados, passam dias sem se ver. A data cai em uma sexta, exatamente como da primeira vez. É nova essa situação. Eles estão um pouco mais assustados que o de costume, até a véspera.

No dia, surpreendentemente, ambos acordam dispostos. Silenciosamente, bebem o café e depois, juntos na cama, silenciam diante da televisão. É algo inédito para os dois. Parece que foi feito um acordo sem palavras e ambos aceitaram mesmo antes das condições. Apenas queriam ter onde se escorar, queriam um ao outro.

A noite irrompe e uma palpitação invade o peito de Sandra que automaticamente aperta com força a mão de Armando. Armando sente esse toque mais forte e responde acariciando as costas das mãos dela. Não percebem quando se olham nos olhos com sorrisos. Há quantos anos não sorriam? Sentem que são mais que marido e mulher, sentem que há um motivo maior que o ser simplesmente, porque continuam a viver e porque é necessário para o outro ao lado. Eles não são mais singulares, vivem porque têm um dever um com o outro, porque é necessário estar junto, porque é a única forma possível, porque tem que ser assim. Eles precisam do outro como sustento numa via de mão-dupla, precisam dessa obrigação para continuar. É bom ter esse compromisso, sentem-se úteis, mesmo que seja algo tão pequeno, tão cotidiano, algo tão sem palavras, sensitivo, tão distante da razão.

Então, o noticiário mostra um acidente. Exatamente igual ao do filho deles, no mesmo lugar, com jovens da mesma idade e apenas com um óbito. O repórter confirma o mesmo hospital. Sandra e Armando sabem que mais nada acontece no resto do

planeta. Só isso importa. Inconscientemente agem juntos: levantam-se ao mesmo tempo para sair de casa.

Instantes

Num instante que durou um ou dois segundos, ele se viu não mais sentado no sofá da casa lendo o jornal, mas deitado na cama de um hospital frio e desconhecido, ligado a aparelhos, com tubos saindo de todos os poros. Logo voltou a si e ficou impressionado nas semelhanças. E se fossem a mesma pessoa? Boquiabriu-se. Observou a parede branca na sua frente, não mais num lugar sólido, agora flutuava dentro da própria cabeça e teve a certeza que já vivera a sua vida, que sua existência não era inédita, que repetia movimentos já traçados por ele mesmo. O tempo não é necessariamente linear, não, não era a primeira vez, ele já tinha vivido, agora só relembrava como tinha sido, como já tinham dito para ele, quando se está para morrer, revive-se tudo o que aconteceu, como numa projeção, revê-se os mínimos detalhes, é novamente o protagonista, mas também o espectador, e se perguntou se ao chegar novamente no final da vida, tudo aconteceria novamente, sonhará mais uma vez a mesma existência, comum, normal, cotidiana? Este ciclo se repetirá eternamente? Mas não soube responder porque num baque tinha esquecido por completo da cama de hospital e voltou a ler o jornal na sala tranqüilamente.

Gregório Samuel

Numa manhã ordinária, Gregório Samuel acordou e percebeu que seu coração havia parado de bater. Ele se lembrava vagamente de ter escutado as batidas compassadas do seu coração até que simplesmente parou. Mas pensara que tinha sido apenas um sonho.

Levantou-se direto para o banheiro. Olhou-se no espelho. A pele estava pálida demais, até para ele, que era um branquelo. Conseguia enxergar as pequenas veias do rosto, pescoço e colo. Todas azuis, muito azuis.

Ainda se olhando, levou dois dedos na altura da base do pescoço, bem no centro, entre os pequenos ossos. Queria pegar uma veia grande para perceber a sua pulsação. Mas, nada. Nem uma única batida. Colocou a mão no peito, no pulso, na têmpora, nada, nada, nada.

Tinha ido dormir um pouco bêbado, é verdade. Tinha saído com uns amigos e bebido um pouco de vinho de garrafão até ficar embriagado. Lembrava de ter prestado atenção ao deitar-se em como estremecia com a força de seu coração. Isso era curioso agora, quando ele não mais sentia nada. A cada batida do músculo torácico, percebia o corpo respondendo. Como se fosse uma única onda que percorresse a sua carcaça. Lembrou-se que adormeceu concentrado nas batidas do coração que agora

estava inerte e quase chegou a sorrir.

Logo escutou alguém atrás da porta chamando o seu nome. Era a sua mãe.

- Gregório, acorda logo! Vai chegar novamente atrasado no colégio? Deixa de ser irresponsável!

Ele até poderia falar e responder, mas não tinha vontade. Ficou sentado na cama, vestindo a cueca samba-canção e a camiseta branca com que dormira, a mão cruzada no peito.

Sua mãe girou a maçaneta e, antes mesmo de olhar, falou:

- Gregório! Vamos embora! Todo dia é isso! Você nunca vai aprender?!

Ao terminar a frase, observou Gregório e sua palidez:

- O que foi isso? Por que você está assim?

Ele só balançou a cabeça na tentativa de dizer que não sabia, que não sabia o porquê de estar daquele jeito, que não se lembrava de nada, mas iria se arrumar para sair logo. Sua mãe se virou e fechou a porta. Já do lado de fora do quarto gritou para ele se arrumar rápido, como ela sempre fazia.

Pegou sua mochila e saiu do quarto. Desceu correndo as escadas para tomar o desjejum e sair. Encontrou seu pai olhando o jornal que noticiava alguma coisa de futebol. Não reparou na irmã, mas ela logo perguntou o que tinha acontecido com ele.

- Pára com isso, Ana Luisa. Deixe seu irmão em paz. Ele está atrasado para a escola, não está vendo? - interpelou a mãe.

Gregório não bebeu o leite, não pegou o pão. Ficou estático e só se levantou para ir embora. Mas sua irmã entrou em sua frente e olhou dentro dele. Ele parou e não conseguiu desviar. Ela deu um sorriso sarcástico e segurou sua mão. Assustada, deu um grito de espanto e a largou.

- Está fria!

Nesse momento ele percebeu a visão turvar-se e se virou para se apoiar na mesa, mas desabou antes. Acordou com Alzira, a empregada, umedecendo seu rosto com uma toalha:

- Seu pai foi trabalhar, sua irmã para o colégio e hoje é dia da Dona Lucinda ir visitar o orfanato. Você sabe como Dona Lucinda é boa, né? Toda segunda-feira ela se reúne com as amigas e vai visitar as crianças carentes.

Ele tentou se levantar, mas novamente percebeu que cairia. Então resolveu permanecer deitado mais um pouco até que as

forças voltassem por inteiro.

- Eu cheguei e você estava deitado no sofá. Dona Lucinda estava só me esperando para sair. Parece que você desmaiou. Você deveria se alimentar melhor... Meu filho... Acho que você tem que tomar um sol, você está muito pálido. Até parece que...

Ele tentou virar o corpo na direção de Alzira e conseguiu no máximo girar os olhos. Ela estava parada na entrada da cozinha, com as mãos na cintura, segurando uma colher de pau.

- Bom, eu... Eu... Vou voltar para a cozinha. Qualquer coisa me grite.

Ele voltou os olhos para um relógio pendurado na sala. Nove e meia da manhã. Pelos seus cálculos, tinha ficado desacordado por mais de uma hora e meia. Rapidamente levou a mão no peito. Nada. Fechou os olhos, para tentar dormir de novo. Mas não conseguiu de imediato. Tentou se sentar. Sentia-se fraco. Num arranque, subiu em direção ao quarto.

Deitou na cama, sentia frio, muito frio. Tentou gritar por Alzira, mas o ar não saía dos seus pulmões. Então reparou que não mais respirava. Não se lembrava de quando tinha parado, mas não precisava mais puxar o ar. Nem expirar. Sentia os olhos pesados e virou-se para olhar pela janela.

Acordou com sua mãe gritando:

- Em plena segunda-feira você fica em casa dormido! Se não tivesse saído ontem estaria bem! Você é mesmo um vagabundo! Vou mandar seu pai lhe colocar na loja para você aprender o que é bom! Não vai mais passar as tardes em casa sem fazer nada!

Gregório até queria responder, mas a voz não vinha ao seu mando. Sentia mais frio e cansaço. Sua mãe havia saído do quarto batendo a porta com violência. Parecia furiosa. Olhou para o despertador na sua cabeceira. Meio dia. Lembrou que não havia comido nada e não sentia fome. Tentou se levantar, mas não conseguiu. O único movimento que fazia com destreza era abrir os olhos.

Antes de fechar os olhos novamente, escutou um grito da sua mãe para ele descer e almoçar. Ela dizia que não ia repetir o chamado. Se ele não descesse naquele momento, ficaria sem almoço. Gregório fez um grande esforço, mas o máximo que conseguiu foi virar de lado na cama. Fechou os olhos. Sentia-se cansado. No fundo da sua cabeça escutava um som de alguém subindo escadas, uma voz feminina e conhecida.

Sua mãe abre a porta repentinamente com a voz alterada. "Gregório, o que houve com você?". Ela pára. Ele abre os olhos, a percebe se virando. Escuta-a falando com Alzira. Está muito

longe, mas ele presta a atenção. Ela reclama algo.

Gregório sente a boca seca, os olhos sem lágrimas, o nariz ressecado. Estava de lado para a porta, quando cochilou mais uma vez. Acordou com Alzira entrando e colocando o prato de comida na mesa de cabeceira. Ela não demorou muito tempo.

Fechou os olhos outra vez, mas não dormiu de maneira rápida. Escutava sua irmã no quarto ao lado. Às vezes quando estava conseguindo adormecer, acordava de sobressalto com algum barulho estranho.

A menina reclamou que a mãe protegia Gregório. Ele, diferente dela, não era obrigado a fazer nada. Ele podia ficar dormindo a tarde inteira, toda semana. Ele podia faltar compromissos. Mas a voz dela foi diminuindo até sumir. Gregório voltou a dormir.

Quando Alzira entrou para pegar o prato de comida que tinha deixado no quarto de Gregório, encontrou-o intacto. Ela o tirou e saiu rapidamente. Gregório dormia.

Dona Lucinda chegou em casa de noite, reclamando que o dia tinha sido horrível. Encontrou Seu Rodolfo em frente à televisão fumando os seus cigarros. Perguntou à empregada por Gregório. Alzira disse que o menino ainda estava no quarto. Lucinda, então, correu às escadas. Gregório continuava dor-

mindo. Chegou mais perto gritando para ele acordar, mas ele não se mexia. Reparou na temperatura dele e na sua palidez. Tirou o edredom de cima de Gregório e o garoto continuou dormindo. E nunca mais acordou.

O outro Herbert Quain

Moisés é um homem de parcas paixões. Gosta de ficar em casa com a pequena família, tem o cuidado de se aprumar para o trabalho e sua predileção é simples: livros. Já amanheceu, entardeceu e anoiteceu sentado em sua poltrona de couro curtido marrom escuro; sempre no quarto dos fundos, perto da janela, luz fraca, lâmpada pendurada por um fio esgarçado; quase aterrado por livros, entorpecido pelo cheiro de bolor que entope as narinas.

Se possuísse o hábito de se gabar, ouviríamos que faz o seu trabalho há 35 anos e nunca sofreu represálias por uma falha pessoal. É metódico do tipo disciplinado. Senta-se na mesma mesa do restaurante em que almoça, desde sempre, atendido pelo mesmo garçom, come o mesmo prato.

Em literatura, contudo, possui uma coleção variada. Mas, se o pedissem para, dentre os vários autores presentes em sua estante, apontar um de prioridade, curiosamente não titubearia em pronunciar apenas um curto nome: Herbert Quain. Apesar do nome nitidamente anglo-saxão, o dito cujo é da Europa oriental, sem ninguém saber ao certo qual é o seu país natal. Rosto redondo, barba grande e desordenada, cabelos cacheados pretos, aparenta pouca vaidade e rudeza. Pelo menos é o que sua única foto conhecida transparece.

Tal autor gosta de temas pouco comuns e esse é o motivo da preferência de Moisés. Narra eventos inacreditáveis que, em tese, se oporiam ao realismo; contudo ele escreve de tal forma que parece que a mais completa invenção não passa da simples verdade. Abusa de raciocínios intrincados, de uma lógica surpreendente e, quando se termina um de seus livros, sua fé cotidiana fica abalada. Você olha para a sua volta e duvida se o que você leu é verídico ou mera invenção. Mas, se fosse real, tudo o que você crê, o que você aprende como verdade, nada disso existiria.

Moisés sabe de cor toda a obra desse homem, tantas vezes as releu por completo. Cita, por exemplo, que Quain nunca escreveu prólogo ou página que descrevesse a si mesmo, ou que fosse capaz de indicar alguma coisa sobre a personalidade de escritor, como um livro de resenhas. Herbert Quain é um mistério completo. Muito por isso, desperta lendas e curiosidades em todo mundo. Alguns chegam a duvidar de sua existência. Principalmente porque suas obras são todas impessoais. Tirando seu estilo, de fácil identificação, é complicado isolá-lo. Emprega frases rebuscadas que podem levar o incauto a imaginá-lo como um virtuose – o que não passa da mais absoluta verdade. Outros dizem que ele é uma espécie de entidade à qual os escritores recorrem na hora do branco ante o papel.
Agora que se aposentou, Moisés tem o tempo que sempre quis para se dedicar apenas aos seus livros. Não tem nenhuma pretensão literária, apenas gosta de revisitar as personagens e as

situações que lhe são familiares. Como se assim ele conseguisse fugir um pouco da solidão que abate os homens quando envelhecem. Aos poucos, uma obsessão veio embotar-lhe o pensamento: embrenhar-se-ia para saber sobre Herbert Quain. Empregaria todo o seu tempo com isso, seria seu propósito, sua meta, seu fim.

Escolheu os caminhos mais óbvios: bibliotecas públicas, universidades abertas e as católicas, sebos desconhecidos, livrarias especializadas, críticos honestos, outros autores do submundo, feiras de livros, eventos literários, coquetéis com escritores, rodas de literatura, jornais específicos, publicações on-line, escolas de pensamento... E, unanimidade: os que já tinham ouvido falar nele, não demonstravam maior conhecimento que o próprio Moisés. Alguns nitidamente alimentavam a aura de mistério em torno de Quain. Era divertido recolher essas histórias. Ouviu que Quain habitara durante anos uma cabana cheia de livros no meio de um deserto gelado, para o lado da Romênia, ou Hungria – dependendo da versão. Outros insistiram na tese – um tanto quanto óbvia – de que ele era um ermitão. Havia os que narravam histórias malignas, assassinatos, fugas, esconderijos, reclusão.

Moisés encontrou um trabalho na faculdade estadual sobre o estilo inconfundível de Quain, definindo-o como um "neobarroco com tendências simbolistas, mas cerebral" e achou graça da frase. Mas nada sobre sua vida particular. Moisés despertou novamente o interesse do mestre sobre o escritor nebu-

loso. Chegaram ao ápice de juntos programar uma viagem para o leste europeu, mas desistiram por não saber por qual país começar.

Assim, com a mesma sem-cerimônia que a empolgação o dominou, ela foi diminuindo, aguando, se misturando, até que o deixou só novamente. Os dias voltaram a ser o mesmo e eterno dia.

Uma noite, Moisés, que não era dessas coisas, sonhou. Mas o sonho era de uma realidade tal que em nenhum momento se apercebeu que estava dormindo. Principalmente por sua simplicidade. Era um ambiente que ele reconhecia, mas não sabia de onde: um quarto escuro, com uma infinita fileira de estantes com livros que se perdiam até o final do campo de visão, e duas poltronas, iguais à dele, no centro. Pareceu-lhe que era a única coisa a fazer e, por isso, sentou-se. Em instantes, estava ao seu lado o próprio, Herbert Quain. Movimentos parecidos com os de Moisés: quieto, calmo. Estavam tão confortáveis que um leigo diria tratarem-se de antigos amigos.

Os dois começaram a conversar. Não dá para dizer quem foi o primeiro a falar. Mas inegável é que Moisés ficou impressionado com um detalhe: a voz de Quain. Suave, delicada, até um pouco infantil. Não imaginava uma voz tão doce para aquele corpanzil e se surpreendeu. Inexplicavelmente ficou feliz com isso. Ele não era nada daquilo que diziam dele, Moisés pensou.

Incrível como a ficção pode ser antagônica à simples verdade. Conversaram pouco e Moisés não seria capaz de se lembrar de nenhuma frase. Marcou-lhe apenas a voz que era terna em angular oposição ao homem abrutalhado que estava ao seu lado. Recordava com perfeição suas mãos, os dedos, as unhas enegrecidas que pareciam garras e os gestos vagarosos. O rosto era o mesmo rude de barba revolta e cabelo desgrenhado que sua única foto propagava. No entanto, nada foi tão marcante quanto sua voz. Vinha até ele em sussurros com poucas variações de tons, de volume, monocórdia, o pequeno som que desbancava qualquer conceito pré-estabelecido, que valia como uma demonstração de engano, de como todos estavam errados. Quain permanecia, Quain existiu, era evidente. Como podia ter imaginado ser ele um cruel? Com essa fala, ninguém pode ser maléfico. Sorriu de alegria por ter a possibilidade de conhecer essa verdade e acordou.

Acordou um pouco assustado. Tentou lembrar o conteúdo da conversa, mas só veio a voz e o pensamento em seguida que repetiu alto, sozinho na cama: "Nunca havia imaginado tal voz". O sonho trouxe-lhe um conforto, como se tivesse alcançado um objetivo impossível. Era a resposta que havia se proposto, o pedaço suficiente, o detalhe necessário. Podia voltar ao seu cotidiano sem sobressaltar-se, sem desesperança.

Assim, teve uma vontade quase subconsciente de se renovar, ler novos livros, entrar em contato com velhos autores, mas de

obras inéditas, ou textos que nunca lera por escolha, destino, fatalismo ou qualquer outro pretexto. Numa manhã fria e ensolarada, se dirigiu para o sebo costumeiro para escolher qualquer coisa, para gastar horas. O seu procedimento é o mesmo sempre: arrasta um dos bancos para perto dos amontoados e vai separando um a um, colocando em uma única pilha ao seu lado direito o que gosta, e no esquerdo o que não desperta curiosidade. É quase como um exercício físico para ele. O dono, um senhor grisalho, o cumprimenta: "Moisés, separei para você um livro que você não acreditaria se apenas lhe contasse", traz nas mãos uma edição fininha e velha, com papel amarelado e orelhas gritantes nas páginas. Moisés levanta os olhos e questiona sem pronunciar uma única palavra, mas o senhor apenas lhe entrega o exemplar. Moisés vidra na capa. É um pequeno conto de Herbert Quain. Abre a página e começa a ler, fica ainda mais atarantado. O autor narra uma cena com duas personagens homens sentadas em poltronas velhas de couro, rodeados por estantesnfinitas de livros, e ambos conversam, mas não se entendem, pois falam em línguas diversas. Impressiona que os dois sejam familiares, mesmo que nem se conheçam. São dois monólogos que não se entrecruzam, mas que se complementam. Moisés não pára de ler até acabar. Então, levanta a cabeça, olha o vazio e dá um sorriso misterioso.

A sístole e a diástole

A sístole e a diástole foram tão potentes que estremeceram o volante do carro. Era uma batida compassada, crescente, como estrondos. Uma quase instantânea, outra que ecoava. Intensificaram-se: as vibrações saíam em ondas pela caixa torácica, passavam pelo cotovelo, punho, dedos e atingiam a guia. Se depois de tudo, comentasse com alguém as razões dessa sutil transformação, era capaz de receber uma corrente de risos dos ouvintes. Ele mesmo já havia agido assim, conhecia a cena. O motivo era óbvio, mas não fazia sentido e ficou sem entender ou não quis.

(1)

Virou o rosto para o lado oposto da moça à beira da estrada. Tentou se ater às imagens dos pastos bovinos que se repetiam na estrada desde o início. Percebeu a curiosidade brotando na cabeça e tentou se segurar. Repetiu para si mesmo: não quero saber quem é aquela ali, de onde vem, para onde vai, por que será que saiu de casa, qual deve ser o seu destino? Deve ser muito bom viver assim na estrada, sem emprego, sem obrigações, é novinha, parece que é bonita, se eu parasse, não... não há tempo, tenho que chegar em São Mateus o mais rápido possível. E minha família, o que é que minha mulher diria caso me visse agora? A menina pode ser uma maníaca, não, isso é ridículo, ela é... agora dá para ver, é melhor olhar para o outro lado...

Pelo retrovisor reparou nela pela última vez. Ela fizera um gesto automático para xingá-lo, mas que passou despercebido. Ele voltou os olhos à estrada e sentiu uma agonia brotando dentro de si. Um desconforto, um suor que empapuçou repentinamente sua camisa. Quantas palavras seriam ditas, mas foram caladas por covardia? Quantas possibilidades poderiam ser encontradas dentro dessa não-ação? Ou melhor, dentro de uma atitude. Se tivesse tomado a iniciativa, poderia ter dominado o destino e propor-lhe outras interseções. Uma companhia qualquer para uma viagem chata e repetitiva. Sempre as mesmas vacas comendo o mesmo capim, com o sol a pino ou a lua com estrelas, sem distinção de dias da semana ou feriados. Sua rotina mantinha-se: era pisar no acelerador, segurar o volante e seguir em frente, como um robô. Depois de 12 horas aporta na pequena cidade ao norte, faz o que tem que fazer e volta. Mais horas de asfalto quente e calor a pino e quando chegava em casa, a mulher está no mesmo lugar em que a havia deixado, como uma novela que ao perder alguns capítulos, basta assisti-la novamente por poucos segundos para se saber o fio da meada. Agora, a surpresa havia ficado para trás. Tal brecha dentro do seu cotidiano não se abrirá mais. E o pior, não tomaria qualquer atitude diferente caso algo semelhante se repetisse.

(2)

Só para demonstrar para si mesmo que não havia qualquer

incômodo, reduziu a marcha e parou. Ofereceria carona. Pode ser divertido, pensou. É capaz de escutar uma boa história, quem sabe? Isso, seria no mínimo curioso.

Do momento em que a avistou (cabelos castanhos, longos e mal cuidados, bolsa de renda a tira-colo, roupas largas, tecidos leves) até quando pisou no freio, não fixou o pensamento em nada específico e deixou que o instinto aflorasse – algo completamente imprevisto para ele.

Pintas, foi o primeiro detalhe que ele reparou no rosto da moça quando ela falou um singelo "oi" através da janela. Instantaneamente caiu no passado, na primeira menina, os dois eram extremamente novos, o rosto pequeno e delicado com sardas a transformava num ser divino. Despertou, anos mais tarde, com a moça ao seu lado, perguntando para onde é que ele iria. A primeira troca de palavras. Como se comportar, o que responder para não aparentar um completo idiota? Ela não é, assim, tão mais nova, se não tivesse casado tão cedo... Creio que deve ser dois anos mais nova que Lúcia, no máximo, "O quê?", ela insiste em saber para onde ele vai. Ele responde que vai para lá, e aponta a estrada, sem saber o que dizer ao certo.
Um silêncio toma por completo o carro e ele pensa que nunca mais conseguiria quebrar a inércia. Sente uma barreira entre os dois, o ar espesso, denso, mal respira. Novamente o corpo lateja por causa do sangue que percorre em suas artérias. "Eu também" – rápida, fluída, em comunhão com o ambiente, dona de

si. Como pode ser assim? Ele tenta algo mais consistente e especifica que vai para o norte, para uma pequena cidade. "Bah, já eu não sei exatamente onde parar. Eu quero conhecer todo o país. Qualquer cidade vale para mim". Ele percebe o sotaque, mas não tem vontade de inquiri-la sobre sua origem. Não parecia certo. Ela não pode ter origem nem destino. Ela pergunta o que é que ele faz. "É muito chato o que eu faço". "Não deve ser, para estar na estrada", Mas e quando a estrada se torna o seu cotidiano? Ele tem vontade de lhe perguntar para demonstrar que estava errada, mas sentiu que ela não o entenderia. Ficam quietos. "Você gosta de música?", ela mexe no rádio do carro, nenhuma estação pega. "Tem alguma fita legal aqui?", abre o porta-luvas e encontra alguma coisa de uma cantora famosa, já morta. "Gostava tanto dela", ela segura o pequeno objeto enquanto ele se divide entre manter a atenção na estrada ou na pequena inquieta ao seu lado. Parecia em constante ebulição, como se fosse capaz de cometer atos impensáveis de imediato, necessitando apenas de um pequeno impulso.

Colocou a fita, era um show ao vivo. A cantora, no auge, voz firme, comentários entre cada música num tom embriagado, sempre gostara desse jeito dela de cantar, levando à máxima potência qualquer de suas músicas, "Ela era muito coração e as canções... ela as transformava em suas, né?", A menina pergunta e a estrada desaparece magicamente. Olha-a assustado, como se ela soubesse exatamente o que estava pensando. Não, não se comporta como havia imaginado. Ia de encontro a qualquer

idéia que já tinha tomado conhecimento, surpreendia-se a cada palavra, se embebedava de cada gesto, era excepcional tê-la por perto, saber que outras vidas acontecem lá fora, tão diferentes da sua. Teve um pouco de vontade em saber como ela agia longe daquele pequeno teatro de boas ações e *quero ser sua amiga*, importava saber quem era aquela menina do seu lado, a verdadeira garota, percorrer seus mais íntimos recantos. "Acho que vou com você até essa cidadezinha, posso?" Então a primeira música acabou.

(a)

Ocorreu algo estranho dentro de si, como se uma oportunidade única aparecesse, mas que não tivesse a coragem suficiente para passar de determinados limites. Não era uma ligação com a mulher, com os amigos, com todos os conhecidos, com nada que ele vivera até o momento, apenas não acreditava no que estava vivendo. Uma angústia dominou-o, não cria em si próprio, não sabia se aquilo poderia acontecer com qualquer pessoa, não sabia agir quando tinha sorte, não sabia remar a favor da maré. Toda a sua vida tinha lutado: estar como estava, era fruto de trabalho pessoal e de mais ninguém. Vinha de família pobre, conseguira esse emprego com o patrão do cunhado exatamente porque parecia ser homem sério, não desses que farreiam todas as noites. Casara-se muito novo, acorda às sete todos os dias, mesmo nos fins de semana. Seguia métodos para que a vida não lhe apresentasse nenhuma surpresa, para saber se comportar em qualquer situação e agora, quando menos espe-

ra, tinha uma desconhecida sentada ao seu lado, perguntando se podia ficar com ele até o final da estrada, até o final de tudo, até quando não poderia mais. Queria uma alternativa que ele não tinha previsto, queria uma resposta, deveria propor uma pergunta. Ele tinha que ter iniciativa. Ou opta por continuar sua vida que não era a melhor, mas também não lhe reservava grandes sustos. Então percebeu que não sabia mais falar, não lembrava como se conversava, como manter um diálogo, pronunciar palavras, deixar escapar sua opinião, para onde queria que corresse toda a história, não enxergava objetivo em uma das opções que ele possuía e isso o consumia. Como ele era tão cego dessa maneira? Precisou uma ou duas resposta, não concluiu nada e calou-se ainda mais.

(b)

"Claro", rateou e depois se perguntou: era realmente assim tão óbvio? Queria que ela ficasse até o fim? Não era muito arriscado? Saberia se comportar? Era o correto? Não obtinha respostas, não havia resultados possíveis. As batidas do coração aumentaram de volume e ensurdeceram tudo a sua volta, turvando sua vista, tendo apenas o caminho a sua frente. Sentiu suas mãos frias e suadas, o corpo inteiro gelado, só a cabeça pesando e o pescoço sem forças, a vista embaçava de um branco que apaga das beiradas ao centro, como uma borracha que corrige os erros num caderno escolar. Ela tocou na sua coxa e ele voltou a si. Escutou uma interrogação numa voz calma se ele estava bem e no instante seguinte já se sentia regularizado. O toque, o

carinho, a calma, a delicadeza e principalmente a preocupação deram a ele um tipo de força que o despertou do torpor, do abismo que havia se metido. Naquele instante eram conhecidos, haviam se ligado intimamente, um a partir do outro. Não importava o que ele fosse pensar, como agiria, o que quisesse, quais fossem suas intenções, ela entenderia. Não era na pequena cidade que ele pensava, não era dali a quatro quilômetros, nem na sua casa. Era naquele meio de nada, com vacas comendo os capins que insistem em nascer da mesma maneira há séculos. Era esse *sem sentido* que ele teve vontade de incrementar, que ele queria figurar, colocar novas modalidades dentro da sua ordem pré-estabelecida. Queria fazer algo diferente só porque era possível, mesmo que não fosse o certo, mas isso não importava. Mesmo porque para pensar no que era errado deveria lembrar de outras pessoas e ele agora duvidava de qualquer outro ser no mundo. Talvez não existisse nada além daqueles morros. Não saberia dizer, só aquela menina quase da sua idade que demonstrava uma vivência única. O amanhã talvez chegasse, e ele poderia comprovar, mas antes ele iria dormir, e quando acordasse, descobriria.

Aniversários

Fui acordado cedo com a notícia triste, mas esperada. Levantei-me sem palavras e completei minha higiene com o pensamento nublado. O tempo correu mudo até o cemitério. Só minha irmã falara, "Ela estava quietinha, o corpo subindo e descendo com a respiração. Até que em um momento parou. Saí do quarto e disse para a enfermeira que algo estava errado". Ela estava com o rosto rosado, os olhos marejados, pouco preocupada com a sua aparência, ela que sempre foi tão vaidosa.

Peguei uma carona e só lembrava que este era o aniversário dela, minha mãe, que agora não estava mais, completava 54 anos. Como uma história circular, como algo ficcional, e eu preocupado com esses detalhes. Ela que gostara tanto de festas, que fora tão avessa à tristeza, que sempre enchera sua casa nos aniversários de toda a família.

Os conhecidos vinham falar comigo e eu tentava desviar o assunto do óbvio. Não queria sentir ninguém com pena de mim, já me bastava a mim mesmo. Sem nenhuma perspectiva sobre o que faria da vida, no que trabalharia, completamente sozinho e agora órfão por completo. O pior era que naquele dia não cabia qualquer atitude inesperada. O constrangimento me asfixiaria por completo antes do segundo passo ou da terceira palavra. A idéia do seu aniversário era fixa na minha cabeça muito por isso. Ótimo recurso para poder desvencilhar o foco sobre mim.

Também sabia que isso não era justo, era extremamente egoísta pensar só em mim no enterro de minha mãe.

Por sorte ou porque assim tinha que ser, vários amigos meus, em pouco tempo, me envolveram e, por inúmeros motivos, puxaram assuntos das mais diferentes espécies. Fugia dos rigores da etiqueta e não quis ficar perto do corpo físico dela, tão (por mais que isso possa parecer óbvio, não o é) imóvel, distante e frio.

Mantinha-me seguro turvando o meu juízo com a idéia do seu aniversário. Não achava justo. Só aquilo eu não achava justo. Sei que as pessoas morrem e, principalmente, ela já estava cansada, já não conseguia mais lutar, tinha desistido há muito. Mas, tinha que ser exatamente no aniversário dela? Com essa idéia atravessada eu me mantinha consciente do meu arredor. Parentes sumidos de longa data, amigos desconhecidos, rostos vagamente familiares, eu tinha que cumprir um ritual burocrático, tão diferente da verdade, do que ela sempre pediu em vida.

Ela brincava seriamente que gostaria de doar todos os órgãos do seu corpo. Depois da morte, insistia, não havia mais nenhuma necessidade deles. E, no dia, que façam uma festa, como aquelas que costumam fazer ao sul dos Estados Unidos, com bandas de jazz tocando Standards e pessoas se embriagando. Ou, como acontece no Nordeste, os amigos se reúnem para beber o corpo – no caso de seus desejos – ausente. Quis a fata-

lidade que ela não pudesse doar nada e que o período de agonia tivesse minado as forças dos mais próximos, impedindo que tivéssemos qualquer atitude longe da burocrática.

Talvez por isso, era tudo tão impessoal. Um corpo deitado, com expressões faciais que de nada se pareciam com as minhas lembranças, ou com a jovialidade verdadeira que todos ali tiveram a oportunidade de conhecer. Nada pode ser tão antagônico à espontaneidade que a câmara mortuária.

Em determinado momento, chegou o inevitável, eu deveria entrar naquele cubículo, para escutar as últimas preces. Eu que não cria nem na possibilidade de crer. Pedi para ficar à distância, não queria encarar a palidez dela. Fiquei atrás de todos, como se fosse um transeunte qualquer que tivera a curiosidade de saber quem são todas essas pessoas, por que elas estão aqui, nesta pequenina sala, quase sem ventilação. Como se isso fosse possível.

Algumas pessoas falaram e era como uma ladainha que se repetia e apenas me enfadava. Todas as vozes eram desconhecidas para mim. Pessoas que nunca conviveram com a minha mãe, mas que, por boa-vontade geral ou por um carinho dedicado especialmente a ela, se propuseram a fazer uma oração final. Tão impessoal quanto qualquer outro ato que ocorrera até ali.

Quando todos acabaram, minha irmã virou-se para mim e per-

guntou se eu queria falar alguma coisa ou se o caixão poderia ser fechado. Aéreo, assenti com a cabeça sem pensar em nada. Ou, o inverso, com o pensamento fixo de que era aquele dia o de seu aniversário e que ninguém havia lembrado até agora desse detalhe. Dois homens pegaram a tampa e eu dei um passo à frente e deixei escapar um fraco "espera". Algumas pessoas ficaram surpresas, o que me deu mais medo. Não sabia o que estava fazendo, não tinha a menor idéia da seqüência de atitudes que deveria tomar, mas continuei. "Hoje é o aniversário dela", alguns concordaram com a cabeça. "Eu acho que ela gostaria que nós cantássemos 'parabéns' para ela, acho que ela ficaria feliz". Um centésimo de silêncio para depois ser quebrado por um bater ritmado e, inicialmente, fraco de palmas. Que foi encorpando, crescendo, até que todas as pessoas que estavam do lado de fora vieram e também bateram palmas e cantaram juntas. Então, eu pensei, talvez tivéssemos agradado a ela. Minha mãe teria ficado feliz, tenho certeza.

Agora, naquela noite, ontem

Apenas no meio da noite percebi o buraco negro em que você me deixou caindo. Já estava fora de casa há horas, com o intuito de me nublar, para que nenhuma lembrança caseira me tentasse. Queria desconectar todos os cabos que ligam a minha reação ao meu pensamento ou à minha memória. Transformar-me num zumbi que vaga até o próximo sol, ou que fica estático no meio de uma pista lotada de desconhecidos, segurando um copo de qualquer coisa forte, esbarrando nas pessoas, olhos fechados, tentando se mover ao som genérico que aporta nos ouvidos. Precisava de anestésicos, algo que me suspendesse do chão, que não fizesse suportar a crueza, pois agora, naquela noite, ontem, eu não agüentaria.

Todo o planejado cumpria-se à risca. Acompanhava-me um camarada que encontrara duas amigas. Eles todos conversavam animadamente enquanto me mantinha a uma distância segura, longe de qualquer interação. A minha saliva se tornava pastosa e não conseguia concatenar sinapses. Sentia-me desmembrado de qualquer humanidade, era só a fumaça branca e eu. Existiam casais e beijos por todos os lados, mas, juro, de onde estava não os avistava. Eram sempre dois pedaços de carne que se esmagavam nas esquinas de uma casa escura. Algo que facilmente poderia ser arranjado. Não foi exatamente isso que me recordou da minha ausência interna.

Sim, havia mulheres, sim, algumas desejosas, outras interessantes. Mas se confundiam num único rosto que eu não queria olhar, porque era infinitamente conhecido e duplamente doloroso. Assim evitava focar minha visão em algum ponto nítido. Queria a abstração, o obtuso, o embaçado. O meu amigo, de tempos em tempos, me puxava para junto deles, para o chão duro, para uma conversa despretensiosa. Naquela hora, nesta véspera, no exato momento, os assuntos não me apeteciam, nenhum deles, quaisquer que fossem. Em outra oportunidade, este meu próximo me apontou uma menina pequena que não parava de olhar em minha direção. Ah, se ela soubesse! Se ela suspeitasse da minha incapacidade de completar qualquer outrem. Se ela tivesse a noção da minha inutilidade, de como sou ridículo, da impossibilidade de fazê-la feliz mesmo que instantaneamente; se ela percebesse que eu era naquele momento um saco de ossos ambulante sem veias, sem artérias percorrendo os meus braços e pernas, que a minha caixa torácica expelira todo o meu sangue por desistência, por necessidade, por um pedido meu; se ela suspeitasse, ela não me olharia assim, dessa maneira, como se eu fosse a resposta para todas as suas argüições notívagas.

Foi então, num detalhe espacial, num pequeno rasgo da manta de narcóticos onde tinha me escondido, num minúsculo vão temporal, numa fuga ocular, quando tentamos não avistar e, sem perceber, os olhos caem em cima daquilo que havíamos evitado tão bem durante certo tempo. Eu enxergo um casal de namorados, que conhecia há décadas. Naquele momento eles

não estão mais no lugar deles, mas eu e você e não havia mais ninguém ao nosso redor. Estávamos apenas acariciando um o rosto do outro, mirando-se nos olhos, sorrindo de satisfação plena, de não saber o porquê, de estar junto, de querer um bem eterno sem pensamento, de desejar de dentro, do estar junto. Eu queria você ali, aqui, ao meu lado, onde eles estavam, os dois, e eu os invejava eternamente. Eu cobiçava com todos os meus poros, eu pulsava até a minha têmpora, eu latejava por dentro da minha pele, eu explodia quieto, eu percebia que esta realidade em que vivemos não me permitia ficar com você no momento em que eu desejava. E, por favor, não tentemos definir de outra maneira tudo o que aconteceu, de como nossa convivência rolou por debaixo da minha ignorância e eu não fui perspicaz o suficiente para alcançá-la. Eu queria aquele toque delicado em meu rosto e não tinha mais. Era isso que eu entendia.

Refugiei-me. Naquele momento, no exato instante eu precisava cambiar o ar que respiraria. Necessitava, qual um drogado, de uma outra dose, não enxergar mais aquilo, não com esses olhos sóbrios que possuía, que possuo, que conseguem ver o todo e ainda imaginar um pouco além. Precisava achar o interruptor interno e desligá-lo. Bastava-me saber da minha completa nulidade por aquela noite, por hoje e para todo o sempre. Antepus meus pés um a um em direção ao banheiro, e na minha frente estava a pequena aludida anteriormente. Esbarrei nela, tentei me desvencilhar nesta direção e só com muito es-

força, quase físico, consegui rodeá-la. Andei vagaroso não percebendo todos os obstáculos humanos em que tropeçava, até a luz fria e forte do corredor para os toaletes.

Somente no ambiente antagônico ao da sedução observei a menina logo atrás de mim. A presença dela quase me fecha a glote de angústia, me espreme na parede, com uma cobrança de uma atitude que não sei tomar, de um caminho imenso que podemos percorrer, mas eu não estava em condições de julgar qualidades e defeitos, e adentrei o masculino. Não cria nesta possibilidade, na coragem da garota de ter-me acompanhado, duvidava do óbvio e optei por me enganar com um outro tipo de verdade: a coincidência. Porém, esta durou pouquíssimo. Foi necessário apenas que saísse do cubículo para perceber que ela não tinha outra intenção naquele ambiente extremamente claro. Ela continuava parada, lavando o rosto pela enésima vez, e disfarçou o semblante assim que a encarei. E então? O que deveria ser feito? Será que ao homem é permitido este tipo de refugo? Inúmeras possibilidades e vozes se confundiam em centésimos na minha cabeça. Desde memórias de infância com meu pai me obrigando a tomar atitudes de homem para com meninas de oito, nove anos, quando o que eu queria era brincar mais um pouco, até a certeza tátil de que inebriante melhor que aquela talvez não encontrasse nunca. Por uma questão de destino – não coloquemos sorte ou azar – um ex-colega de trabalho entrou no ambiente logo em seguida e, ao me reconhecer, veio apertar-me a mão. Ficamos os dois, trocando amenidades e senti

uma espécie de alívio. Não era necessário tomar uma atitude naquele momento. Logo ele me apontou a saída, para que voltássemos à escuridão. Não sem antes me perguntar de uma forma carinhosa por você. O que deveria ser respondido? Estava novamente cercado de pontos de interrogação sem nenhuma idéia da resposta correta a ser dada. Todos no lavabo escutariam a minha resposta. Isto, claro está, que inclui a pequena que continuava a lavar o rosto. Sem levantar nem a voz, e mesmo assim fazendo-me audível, não menti e disse que você estava longe.

No meio daquela neblina de danceteria, ao lado de meu camarada, perto das amigas dele, não percebi todos os aditivos fazendo efeito e logo estava flutuando, com o meu corpo desconexo, minha cabeça pendente, meu cérebro morto fazendo companhia ao músculo cardíaco. Não havia mais o meu entorno. O fim de noite quase passa despercebido. Talvez não me recordasse de nada de ontem, no hoje. Então, uma pequena mão tocou-me delicadamente, como num sussurro, o que me fez despertar. Era a menina que havia sumido de minha percepção por dias inteiros e agora dialogava com apenas uma frase: "Eu admiro os homens fiéis".

Soma

Deixo por escrito estas linhas para que não haja nenhuma dúvida relativa ao procedimento que tomei e às suas infalíveis conseqüências. Não se assustem caso estas mal-traçadas aparentem uma frieza quanto ao assunto abordado. Estou tendo um cuidado excessivo para não sentimentalizar, já que minha intenção é somente propor um raciocínio sobre o tema. Também não quero ser entendido por conhecidos, ou pessoas que nunca pronunciaram meu nome, com emoções que na verdade não possuo. Para isso, também acredito ingenuamente que serei sincero, mesmo que extremamente direto – duro até – aqui neste papel, não deixando ausente qualquer pormenor.

Claro que tomei o 'soma'. Antes que as conclusões se premeditem, afirmo que o meu intuito não é e nunca foi o do extermínio próprio. Ao menos, não como alvo único. Pelo contrário, gostaria de continuar para ao menos ter a possibilidade de decodificar ao máximo possível todo o sentido de tal droga. O que eu vi, e arrisco-me a transmitir – mesmo que admita a impossibilidade de abarcar todo o complexo sentimento que vivenciei –, é o mais próximo que se pode alcançar da plenitude em felicidade. A completa incapacidade de transmitir por completo toda a experiência, de uma vez única, com todas as imagens, formas, detalhes me deixa um pouco frustrado. Uma hipótese: é por isso que alguns, nas suas últimas horas, descrevem uma aproximação com Deus. Não há termos de compara-

ção viável no mundo conhecido e racional.

Acredito que vem daí a inevitável pós-vida efêmera. Como se naquelas horas (quem me convencerá que foram instantes?) consumíssemos todo o resto de nossa energia. Como se houvesse uma cota dessa felicidade em toda a vida e resolvêssemos utilizá-la de uma vez só. É uma tese mística demais para aparecer sob qualquer égide, eu sei, mas admito a crença para mim mesmo sem muitos pudores.

Quando o entorpecente era estudado, na época em que seu consumo ainda era permitido e, principalmente, receitado para pacientes terminais, concluíram que o desgaste provocado no músculo cardíaco e no tecido pulmonar em função do aumento extraordinário do metabolismo fazia com que o óbito fosse inevitável em pouco tempo. Sinto agora, por exemplo, alguns sintomas de uma doença que me era inexistente. Meu nariz sangra, convivo com um rolo de papel-higiênico ao alcance das mãos, a cabeça lateja e estou extraordinariamente zonzo. Creio ser um preço justo, uma troca confiável.

Contudo, essas adversidades em nada diminuem a minha vontade de escrever esta narrativa. Pelo contrário, só aumenta a confiança nesta minha atitude. Não me arrependo e, provavelmente, nessas últimas horas não mudarei de opinião quanto a isto. Devemos estudar algo que, de certa forma, aumenta o livre-arbítrio do indivíduo, dando a ele um poder semidivino

sobre si mesmo.

O governo, num lapso de liberalismo (num contraponto à tradicional atitude conservadora), por alguns meses liberara o consumo de 'soma' para o fim da eutanásia. Era a única forma permitida para que um doente sem esperança pudesse dar fim ao horror que são os últimos dias. Muitos não resistiam, ficando na 'ausência' – como chamam o estado em que o consumidor fica durante o efeito da droga. O entrave, argumentado pelos comandantes deste Estado, é que em pouco tempo tal costume não ficou apenas restrito aos doentes, mas se alastrou rapidamente por camadas da sociedade.

O incrível é que tiveram a convicção de que, ao proibi-la, colocando como crime hediondo o porte e a venda da droga, o decreto faria com que houvesse uma diminuição em seu consumo. O óbvio aconteceu e é constante. A ingestão do entorpecente só aumenta por causa da áurea mística que envolve as pílulas e não importa as publicidades que se mostram em qualquer lugar. Argumentam que a pílula é definitiva, mortífera, mas nunca dizem dos seus efeitos extraordinários, e de como ela consegue dilatar o tempo, transformando a sua pós-vida em algo próximo do anticlímax. A campanha pessoal, de quem esteve presente, de quem já ouviu algum relato, de quem ler isto aqui, fez, faz e fará muito mais pelo 'soma'. Ao menos é nisso que se apóia esta carta.

Minha tontura aumenta. Demoro mais tempo para conseguir digitar poucas palavras, meu raciocínio fraqueja, tenho lapsos de ausência... Mesmo assim, mesmo débil, mesmo sem a clareza necessária, mesmo ausente em certos momentos, eu continuarei, até cair, tenho que fazer isto, devo isto aos fatos. Não é possível haver tamanha inverdade sendo disseminada como única. Não tenho a certeza do meu êxito, mas o meu intuito é combater esta anomalia.

Não é debatido, por exemplo, a absurda interferência do Estado na existência privada dos cidadãos. Quem são os homens para decidirem sobre a vida e a morte de seus iguais? Se o indivíduo crê que ele próprio pode deliberar pelo seu fim, o que deve ser feito para impedi-lo? Inclusive: deve ser feito algo? Qual é o motivo para que queiram que continuemos vivos? Por quê? Somos condenados a uma pena de vida, onde a privação é uma constante. Por que não optar por alguns momentos de felicidade completa, o máximo que alguém já chegou e sem depois para o arrependimento, para a culpa, para...?

Sim, há barreiras econômicas. Num raciocínio raso: haverá menos mão-de-obra, os salários aumentariam, o exército de reserva decairá etc. Ainda, podemos considerar que, pelo crescimento na procura pela droga, seu preço será constantemente inflacionado. Em pouco tempo, pessoas deixarão todos os seus pertences para os vendedores dos pequenos comprimidos - do tamanho de um anticoncepcional. E, como acontece com to-

das as outras drogas ilegais, sem um controle da qualidade, haverá manipulação na fórmula original para diminuir o seu efeito, o que ocasionaria na provável criação de viciados, à mercê do tráfico, o que é o maior absurdo de todos. A droga definitiva perderá o seu efeito único, e se juntará ao plantel dos traficantes.

Há, ao mesmo tempo, outras questões de cunho filosófico (como já foi sugerido por autores de verdade): quem é responsável por minha vida além de mim mesmo? Se sou totalmente apto a viver em sociedade, se tenho a necessidade de cumprir com meus deveres e a obrigação com meus direitos, quem, além da fatalidade, deve ter o poder de morte fora eu mesmo?

As respostas são infinitas e a discussão não é o meu tema, nem conseguiria ser claro quanto a isso neste momento. Anseio, com meu resto de força, propagar os sintomas do 'soma' e deixar as verdades absolutas para quem quiser alcançá-las.

Não importa a maneira como consegui meu comprimido, nem quanto paguei por ele. Estava ontem em minha casa, com as luzes apagadas, em pé, perto da mesa de centro. Recomenda-se deitar logo após a ingestão porque não há como se manter de pé e o inevitável tombo causaria uma dor desnecessária, piorando a "ressaca". Segui as instruções à risca, queria o máximo de sua força, queria nem voltar se possível.

Obedeci ao protocolo e me acomodei no divã. Em pouco tempo, os efeitos começaram a aparecer de um jeito que suspeitei ser auto-sugestão. Tentei fugir um pouco o pensamento das projeções que apareciam na minha mente como reais. A minha luta durou alguns poucos segundos até que desapareceram por completo os limites da realidade. Logo estava num mundo onde as regras eram minhas. Eu decidia, eu escolhia, eu tinha o poder da eternidade e da rasura. Lembranças de assuntos há muito esquecidos, memórias que eram extremamente alegres, pequenos detalhes da minha vida que haviam sido guardados em local inacessível, situações tão pessoais que ninguém mais saberia entender, detalhes só meus que jaziam em algum lugar no fundo de meu inconsciente e que não visitava há 20, 30 anos inteiros. Um turbilhão de cenas me tomou por completo impedindo a clareza. Era tão confortável, tão seguro, envolvente, um calor me absorvia sem parecer em nada com a opressão de que a propaganda oficial do governo do Estado fala. Sentia novamente uma alegria infantil que se perde em algum momento da vida e a encarava brincando como se fosse tátil. Ao mesmo tempo era um observador de um 'eu' menino e o próprio garoto que corria num campo de areia sozinho. Era como se eu tivesse a possibilidade de voltar um período e fosse capaz de mudá-lo completamente, como um ator que conhece o desfecho do enredo. Poderia viver novamente as melhores situações de minha biografia, aquelas onde tenho um orgulho mais intrínseco. Também de corrigir por completo os meus arrependimentos. Era uma chance de alterar por completo a me-

mória, construindo da maneira como queria, tendo a visão final da história como parâmetro.

Eu era o futuro, o único que sabia como ia terminar, que possuía a chave final de todo o mistério, que havia decidido por tudo e agora, também, a possibilidade de mexer no que ficara para trás. Não é algo pessoal, querer modificar as lembranças, fazemos porque nos sentimos impelidos a tentar. Se temos essa oportunidade de maneira prática, a mudaremos para a perfeição.

Agora que escrevo, sentindo-me cansado, com uma dificuldade enorme para respirar, já não sei qual foi a realidade, o que realmente aconteceu ou o que é a verdadeafinal. Se perguntasse às pessoas que compõem a minha memória, será que elas, em algum momento, teriam lembrança igual à minha? Ou, pior, será que algum dia a tiveram, já que o passado é intransferível e, na certeza da palavra, mutante?

Não sei mais responder a perguntas. A única vontade que tenho agora é terminar de escrever e deitar. Apenas isso.

Posfácio

Posfácio

A escolha de todos esses textos foi quase aleatória, respeitando a critérios nebulosos e parcamente estabelecidos. Não confirmo se são os meus melhores já escritos, porém representaram, às suas épocas, fases diversas – todas marcantes – da minha vida. Seja em leituras – Kafka, Camus, o cinema de Woody Allen, sempre Borges – ou na minha própria biografia. Confesso a referência e a reverência aos primeiros e o plagio à segunda.

Terminada a leitura, pode-se supor a divisão da obra em dois alicerces quase antagônicos – se não fossem complementares. De um lado o – chamemos de – literatura de tramas. Seus mais facilmente identificáveis exemplares são: "Carta à comissão julgadora da revista 'Proa'", "Ondas", "Déja vu", "João", "O eterno, o retorno", "Instantes", "O outro Herbert Quain" e "Soma". Do outro, há o que – por falta de melhor denominação – apelidaremos de literatura de personagens: "Édipo", "Coceira", "Troca de palavras", "Notívagos", "Querer no pretérito imperfeito", "Gaivota", "Gregório Samuel", "A sístole e a diástole", "Aniversários", "Agora, naquela noite, ontem".

É interessante perceber que nenhum desses textos pertence puramente a um dos lados. Ele pode ter uma personagem que se destaque, mas em um detalhe ou outro, a trama tenta surpreender. Na verdade, todos intuíam o equilíbrio
entre essas duas teses. Mas, ao tomarem forma, criaram vida

própria até os seus respectivos finais. Agora não mais me pertencem.

Que sirvam para algum proveito ao eventual leitor.

Rio, 22 de agosto de 2005

ronaldo pelli

MULTIFOCO
editora